



**Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor de Tecnologia
Curso de Arquitetura e Urbanismo**



JESSICA TORRES LEONE

ESPAÇO DE COWORKING EM CURITIBA – PR

CURITIBA

2016

JESSICA TORRES LEONE

ESPAÇO DE COWORKING EM CURITIBA – PR

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA059) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR.

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Marco Cezar Dudeque

CURITIBA

2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador:

Examinador(a):

Examinador(a):

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, _____ de _____ de 2016.

Dedico este trabalho ao meu pai, Fernando.

Agradeço aos familiares e aos amigos que estiveram presentes me dando apoio e ao professor Marco Dudeque pela orientação. Agradeço também as amigas da faculdade que estiveram presente ao longo do curso. Juntas vamos mais longe.

“Daqui cinco a dez anos todos vamos trabalhar de casa. Mas aí precisaremos de casas maiores, grandes o suficiente para serem usadas para reuniões. E escritórios serão convertidos em habitações” (Rem Koolhaas, The Generic City, 1994)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo conceituar teoricamente uma nova tipologia de espaço de trabalho que está sendo utilizado, o *coworking*, a fim de ajudar na elaboração de diretrizes projetuais para um espaço deste tipo na cidade de Curitiba – PR. Para tanto, foi feita uma breve análise histórica do espaço de trabalho e como as tecnologias que foram surgindo tiveram efeito sobre ele. Por ser uma tipologia recente, a conceituação deste espaço e do seu usuário foi feita a partir de pesquisas com os próprios usuários e análise dos espaços existentes. Por fim, foi realizada uma interpretação destes espaços na cidade para que fosse possível definir as necessidades programáticas e as diretrizes de projeto, que contribuirão na tomada do partido arquitetônico.

Palavras-chave: *Coworking. Escritório. Espaço colaborativo. Economia Criativa.*

ABSTRACT

This research aims to theoretically conceptualize a new type of workspace that we are using, the coworking space, an end to guide a later project, hosted in Curitiba – PR. Thus, it was made a brief historical analysis of workspace and how the technologies had effect on it. As a new typology, the conceptualization was made through analysis of the space itself and the user. At the end, it was made an interpretation of the city for setting the guidelines which will contribute to the project concept.

Key-words: *Coworking. Office. Collaborative Space. Creative Economy.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	10
1.2 OBJETIVOS	10
1.3 JUSTIFICATIVAS	11
1.4 METODOLOGIA DE PESQUISA	13
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO	13
2 BREVE HISTÓRICO DOS ESPAÇOS DE TRABALHO.....	15
2.1 PRIMEIRAS ORGANIZAÇÕES DO ESPAÇO DE TRABALHO.....	15
2.2 MUDANÇAS DO SÉCULO XX.....	16
2.3 O REFLEXO DA TECNOLOGIA NO ESPAÇO DE TRABALHO.....	25
3 ESPAÇO DE COWORKING	26
3.1 ECONOMIA COLABORATIVA.....	26
3.2 CONCEITUAÇÃO DE COWORKING.....	27
3.3 VALORES.....	29
3.4 O PERFIL DO COWORKER NO MUNDO.....	30
3.5 O PERFIL DO COWORKER NO BRASIL.....	32
3.6 O ESPAÇO DE COWORKING.....	34
3.7 VANTAGENS E DESVANTAGENS.....	37
4 ESTUDOS DE CASO.....	38
4.1 IMPACT HUB – BELGRADO, SÉRVIA.....	38
4.2 SECOND HOME – LONDRES, INGLATERRA.....	45
4.3 QB STUDIOS – CHRISTCHURCH, NOVA ZELÂNDIA.....	52
5 ANÁLISE DA REALIDADE	61
5.1 ESPAÇOS DE COWORKING EM CURITIBA.....	65
5.2 IMPACT HUB – CURITIBA.....	68
5.3 NEX COWORKING.....	72

6 DIRETRIZES BÁSICAS DE PROJETO	79
6.1 ESCOLHA DO TERRENO.....	79
6.2 DIRETRIZES PROJETUAIS E PRÉ-PROGRAMA.....	83
6.3 POSSÍVEIS PARTIDOS.....	85
6.3.1 Opção 01.....	85
6.3.2 Opção 02.....	88
6.3.3 Opção 03.....	89
6.3.4 Opção 04.....	91
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRAFIA.....	94

1 INTRODUÇÃO

O *coworking*, como conhecemos hoje, consiste num conceito muito recente. Foi em 2005 que o termo começou a ser utilizado para definir um local onde pessoas trabalham de forma independente, mas juntas. Sendo uma forma de trabalho, ele traz consequências para o mercado e para o espaço que ainda são poucos estudadas.

Está relacionado diretamente com a tecnologia e à economia criativa, uma vez que o avanço da internet e sua facilidade de conexão acabaram com a dependência de um local fixo para trabalhar.

Sendo assim, seria lógico pensar que não existirão mais escritórios num futuro próximo e que as pessoas trabalharão de forma mais autônoma. Porém, a necessidade de interação entre as pessoas e o impulso que a troca de conhecimento gera, garantem o sucesso dos espaços de *coworking*.

Trabalhar será como cantar. Poderemos fazer em qualquer lugar. É por isso que os escritórios precisam se tornar catedrais e estúdios de gravação. Catedrais porque cantar nesse local (atmosfera, reverberação, etc.) altera o aspecto da voz humana e inspira uma grande performance. Estúdios de gravação pois são especificamente projetados para ajudar a criar e capturar a melhor experiência do canto. Podendo trabalhar em qualquer lugar, as pessoas vão querer ir ao escritório pois lá poderão ter uma experiência elevada em relação ao trabalho. (Ben Watson, diretor criativo da Herman Miller, 2015)

1.1. DELIMITAÇÃO DO TEMA

Esta pesquisa busca compreender o conceito e os valores do *coworking*, analisando informações gerais sobre este novo tipo de espaço de trabalho e perfil de seu usuário. Através desta análise, pretende-se entender como o espaço arquitetônico influencia o modo de trabalhar, a fim de, ao final deste trabalho, gerar diretrizes para a criação de um espaço de *coworking* na cidade de Curitiba – PR.

1.2. OBJETIVOS

De modo geral, nesta etapa do Trabalho Final de Graduação (TFG), buscou-se analisar e entender, de forma teórica, o espaço de *coworking*, que fundamentará a

futura proposta arquitetônica de um ambiente deste tipo para a cidade de Curitiba – PR. De forma específica, o objetivo deste trabalho é contribuir para gerar as diretrizes projetuais que permitirão a tomada do partido arquitetônico para o desenvolvimento da próxima etapa do TFG. Para tanto, buscou-se entender qual o perfil do usuário de um espaço de *coworking* e qual o programa de necessidades que este espaço deve atender.

Objetiva-se também estudar casos correlatos ao tema, a fim de entender as possibilidades de partidos e conceitos que podem ser explorados, uma vez que a tipologia é nova e ainda não possui um modelo de concepção espacial. Além disso, teve-se a intenção de caracterizar o panorama atual da cidade, analisando alguns casos locais de espaços de *coworking*, para saber o que já existe e o que pode melhorar.

1.3. JUSTIFICATIVAS

Há um crescente número de pessoas saindo de empresas que costumavam trabalhar para abrir seu próprio negócio mas não possuem um espaço de trabalho. Visto que os custos de abertura e manutenção de um escritório próprio é muito alto, o *coworking* surge como solução para tais profissionais, tendo como benefício também o aumento de sua rede de contatos.

Outros benefícios e dados relevantes sobre o *coworking* e seus membros foram relacionados num infográfico, produzido em parceria pelos sites Wix e Officevibe (FIGURA 01). Este infográfico informa que, até 2020, 40% dos trabalhadores serão autônomos ou temporários, sendo que somente 30% prefere trabalhar em horário comercial. Além disso, após se mudarem para um espaço de *coworking*: 70% dos membros sentem-se mais saudáveis num *coworking* do que em escritórios tradicionais; 64% melhoraram sua capacidade de completar tarefas dentro do prazo; 68% demonstraram estar mais focados; 92% está satisfeito com seu local de *coworking*; 91% melhoraram sua interação com os outros; 60% disse estar mais relaxado em casa; 78% tem menos de 40 anos; 90% sentem-se mais confiantes; e por fim, 50% reportaram aumento de lucro.



FIGURA 01 – Infográfico com dados dos membros de *coworkings*
 FONTE: OFFICE VIBE, 2014

Além disso, esta pesquisa e escolha de tema como Trabalho Final de Graduação tem como justificativa o interesse pessoal em estudar como o espaço pode fortalecer as relações humanas e influenciar no modo de trabalho e convívio das pessoas.

1.4. METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa apresentada tem como base fontes *web* e bibliográficas. Por se tratar de uma tipologia recente de espaço, são poucas as referências bibliográficas. Assim, os *sites* mais importantes para a coleta de dados sobre *coworkings* e seus membros foram: www.deskmag.com (internacional) e o www.movebla.com.br (nacional). Os dois tem em comum o interesse por este novo espaço de trabalho e muitas vezes fomentaram pesquisas e censos.

Os estudos de caso foram escolhidos a fim de complementar o estudo teórico do tema. Foram escolhidos três espaços de *coworking* internacionais que, de alguma forma, mostraram relevância para a formação das diretrizes de projeto.

Além disso, foi feita uma breve análise sobre dois espaços de *coworking* que se encontram na cidade de Curitiba. O primeiro faz parte de uma rede internacional consolidada e o segundo de uma rede local em crescimento.

1.5. ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta monografia está estruturada em sete capítulos, abordando, inicialmente, assuntos mais amplos com histórico dos escritórios e conceituação do *coworking*, até as diretrizes de projeto.

Após este capítulo introdutório, foi feita uma breve análise histórica dos espaços de trabalho, passando rapidamente pelo decorrer dos séculos e mostrando como os avanços tecnológicos tiveram rebatimentos no espaço de trabalho.

O terceiro capítulo conceitua o *coworking*, desde seus valores até o perfil do espaço e de seus membros. Para ilustrar essas teorias, o quarto capítulo apresenta três estudos de caso internacionais.

Após a conceituação e estudos de caso, foi feita uma análise da realidade de Curitiba, no capítulo cinco, mostrando onde estão localizados os espaços de *coworking* atuais e analisando dois deles de maior relevância.

Feito este estudo, o capítulo seis traz as diretrizes projetuais que serão base para a próxima etapa do Trabalho Final de Graduação. Junto com as diretrizes, foi elaborado um pré-programa, organograma e possíveis partidos a serem adotados.

Por fim, o sétimo capítulo contém as referências *web* e bibliográficas que foram utilizadas, direta e indiretamente, ao longo de toda a pesquisa.

2 BREVE HISTÓRICO DOS ESPAÇOS DE TRABALHO

2.1 PRIMEIRAS ORGANIZAÇÕES DO ESPAÇO DE TRABALHO

Segundo Cagnol, em artigo publicado pela Deskmag, o trabalho assalariado como conhecemos hoje teve início na Idade Média. Havia escritórios em mosteiros onde os monges materializavam seus conhecimentos escrevendo-os. Ficar sentado era raro, eles escreviam em pé e de forma isolada para total concentração. Esta forma de trabalho prevaleceu por séculos. Durante a Renascença houve o desenvolvimento da ciência e do comércio, fazendo com que a produção material também se desenvolvesse como forma de trabalho. Comerciantes, artistas, engenheiros e outros trabalhadores começaram então a utilizar uma mesa de trabalho. Entre os séculos XVII e XVIII, a centralização dos Estados trouxe o planejamento de atividades, que fez com que aumentasse a organização administrativa. Assim, tivemos em 1560 o surgimento da primeira edificação que reunia escritórios: a *Galleria degli Uffizi* (Galeria dos Ofícios) (FIGURA 02). Situada em Florença, na Itália, foi encomendada pelo duque Cosme I de Médici para reunir em um só local os treze escritórios dos principais magistrados da cidade, que até então estavam espalhados pela região (DESKMAG, 2013).



FIGURA 02 – Galeria dos Ofícios

FONTE: REALITY POD

No Iluminismo as pessoas se tornaram mais produtivas, graças à capacidade de autoaprendizado. Artistas e intelectuais se isolavam em espaços independentes e, com grande disciplina e concentração, se forçavam a produzir e aprender. Até hoje essa forma de trabalho e aprendizagem permanece, e está refletida na maioria dos espaços de escritórios e salas de aula existentes.

A Revolução Industrial no século XIX, trouxe invenções como a máquina a vapor, o telefone e a iluminação elétrica. Estas invenções fizeram com que fosse possível separar as atividades administrativas e de gerenciamento de uma companhia do local de produção. Mesmo assim, dentro do processo industrial, quem trabalhava em escritórios era uma minoria considerada improdutiva.

Influenciados pelas ideias do Taylorismo¹, escritórios comerciais, companhias de seguro e agências governamentais formaram a base do trabalho burocrático do início do século XX. Os locais de trabalho eram organizados de forma racional e funcional, e os trabalhadores eram colocados em fileiras.

Para Caruso e St. John, a divisão do trabalho, combinada com as invenções da Revolução Industrial, começaram a facilitar a atividade dos trabalhadores e a intensificá-la. Já naquele momento, a hierarquia de cargos era refletida no local de trabalho. Apenas os supervisores tinham o privilégio de trabalhar em casa. E o empregados que ocupavam os cargos mais baixos ficavam reunidos em locais grandes, barulhentos e mal iluminados. A fim de garantir maior produtividade, as janelas eram colocadas acima da linha de visão dos trabalhadores, promovendo isolamento e concentração.

2.2 MUDANÇAS DO SÉCULO XX

No final do século XIX, um grande incêndio marcou a cidade de Chicago nos EUA, que estava em franco crescimento devido à atividade industrial. Quase toda a cidade utilizava a madeira como forma de construção, o que fez com que o incêndio

¹ Sistema de organização do trabalho concebido pelo engenheiro norte-americano Frederick Winslow Taylor, com o qual se pretende alcançar o máximo de produção e rendimento com o mínimo de tempo e de esforço.

alcançasse grandes proporções, destruindo todo o centro da cidade e deixando milhares de pessoas desabrigadas.

Desta forma, era necessário que a cidade fosse erguida novamente de forma rápida. O avanço das tecnologias permitiu o uso do ferro nas novas construções, e o elevador possibilitou o crescimento vertical dos novos edifícios – verticalidade esta que se tornou característica do novo centro de Chicago – o que significava maior rentabilidade do uso do espaço. Surgem a partir de então os arranha-céus: edifícios que tinham sua estrutura independente de sua vedação, flexibilizando a organização interna do ambiente.

Esta nova tipologia de construção afetou diretamente a organização do espaço de trabalho de grandes empresas, pois agora elas poderiam crescer e mesmo assim ter todos seus empregados trabalhando num mesmo edifício organizado por pavimentos. Além disso, também reforçou a ideia de hierarquia, uma vez que os chefes ficavam nas salas dos pavimentos mais altos e o empregados nos níveis inferiores.

Um dos primeiros edifícios projetados para uma empresa foi o *Larkin Administration Building* (FIGURA 03). Edifício projetado por Frank Lloyd Wright para 1800 empregados da *Larkin Soap Company*, foi construído em 1904 e fez uso de algumas inovações da época. Concebido em estrutura era metálica, os cinco pavimentos possuíam ar condicionado, janelas em grandes vitrais, além de móveis embutidos e paredes que absorviam o ruído gerado por diversas máquinas utilizadas.

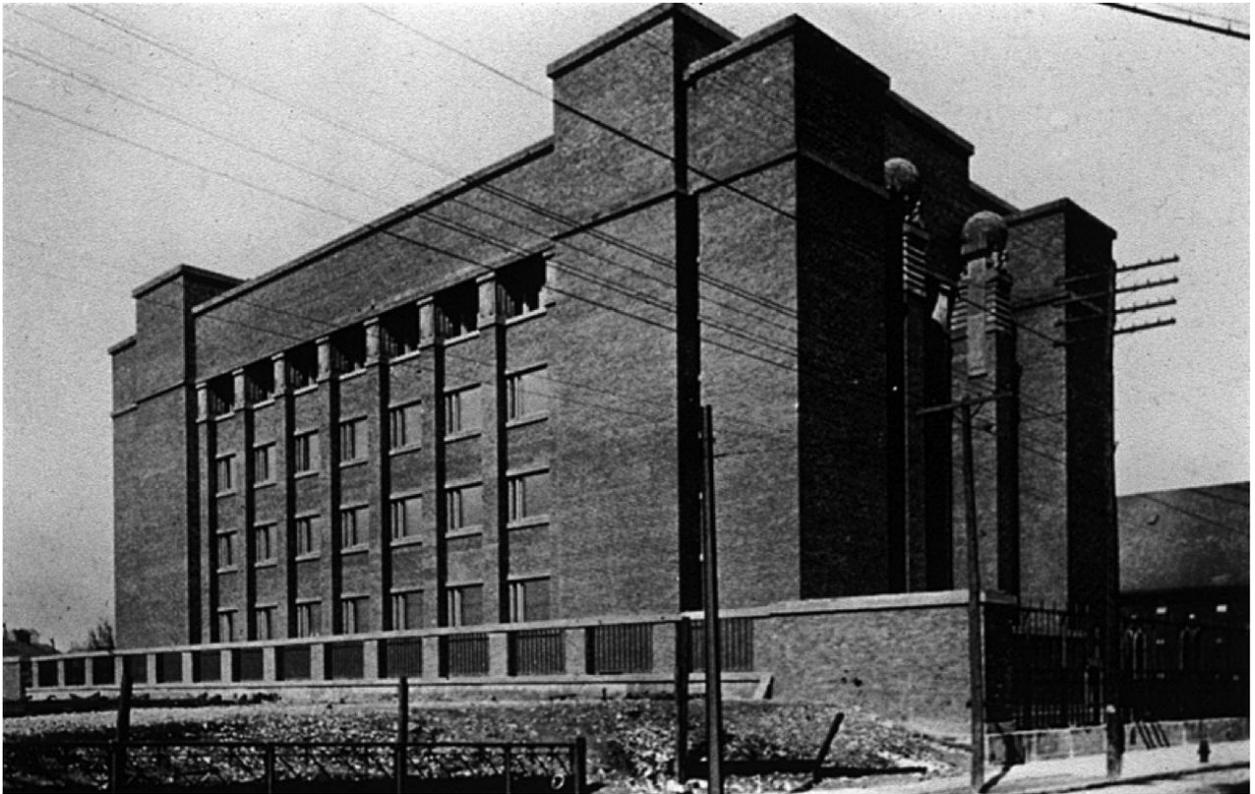


FIGURA 03 – Larkin Administration Building

FONTE: ILUR

Na década de 1930, as companhias começaram a querer expressar sua identidade através de sua arquitetura. O *Johnson Wax Building* (FIGURA 04), projetado por Frank Lloyd Wright em 1939, conseguiu refletir a identidade da empresa, resultando em empregados orgulhosos do seu trabalho e consequente aumento da produtividade.

Apesar disso, a arquitetura ainda continuava a refletir a hierarquia de cargos, com os chefes acima e os empregados abaixo em enormes salas que não possuíam vista do exterior, sendo iluminadas e ventiladas artificialmente.



FIGURA 04 – Johnson Wax Building

FONTE: LUDWIG TRINIDAD



FIGURA 05 – Salão de trabalho do Johnson Wax Building

FONTE: DESKMAG

Inspirados pela cidade de Chicago, representantes do movimento moderno, como o arquiteto Le Corbusier, defendiam o desenvolvimento do funcionalismo para a reconstrução das cidades no pós-guerra.

A partir de 1950, o modernismo e a funcionalidade começaram a ser questionados. Pela primeira vez arquitetos e designers olharam para dentro dos edifícios e consideraram que o layout do espaço de trabalho pudesse afetar a produtividade. Até então, sentar confortavelmente era sinônimo de preguiça. Além disso, o mobiliário também refletia a hierarquia. Enquanto os chefes trabalhavam em grandes mesas, sentados em cadeiras confortáveis, os trabalhadores em geral não tinham tanto espaço em sua mesa nem cadeiras com tanto conforto.

Durante a década de 1960, a economia baseada nos serviços explodiu junto o desenvolvimento do computador, o que acarretou numa mudança da forma de trabalho. Espaços que antes eram rígidos e hierárquicos começaram a provar sua capacidade de motivar os empregados. A empresa de móveis Herman Miller, dirigida naquela época pelo pesquisador Robert Propst, lançou a “Action Office Series 1”, linha de mobiliário corporativo que incluiu as primeiras divisórias em forma de painéis. Este foi o primeiro passo para a criação do ambiente de trabalho que buscava estimular a interação entre os funcionários (HERMAN-MILLER, 2016).

Em artigo para a versão eletrônica do jornal americano The Wall Street Journal, Nikil Saval conta que no final da década de 1960, depois de anos estudando o modo com que as pessoas trabalhavam, Propst criou o “cubículo” (FIGURA 06). Disseminado em larga escala e utilizado até hoje, foi projetado para que houvesse produtividade e privacidade no ambiente de trabalho de forma econômica. Aos poucos, as divisórias dos cubículos foram deixando de existir para dar lugar ao “espaço aberto”. O espaço aberto era ainda mais econômico que os cubículos e estimulava o trabalho colaborativo. Apesar das vantagens, a uniformidade e a falta de personalidade do ambiente se tornaram uma fonte de estresse para os empregados.



FIGURA 06 – Cúbiculos para trabalho individual

FONTE: WALL STREET JOURNAL

Foi somente nos anos 1970 que os designers e arquitetos começaram a se interessar realmente pela ergonomia. A publicação dos livros “Human Scale” e “Measure of a Man” de Henry Dreyfuss e Niels Diffrien – ambos designers industrial – chamou a atenção de quem projetava tanto espaços quanto mobiliário. Estes livros incorporaram as mais recentes pesquisas nos campos de medicina e psicologia. Arquitetos se inspiraram nessas pesquisas e, assim, a teoria da organização para a construção de ambientes de trabalho começou a focar nas necessidades dos trabalhadores (DESKMAG, 2013).

Em 1974, o arquiteto Herman Hertzberger projetou para a companhia de seguros Centraal Beheer um edifício que foi apelidado de Vila dos Trabalhadores, a fim de fazer com que os empregados se sentissem parte da companhia (FIGURA 07). O espaço era flexível e constituído de pequenos espaços de trabalho, como ilhas que conectavam-se umas as outras através de corredores. Essas ilhas eram construídas ao longo do

espaço e podiam acomodar grupos de até dez trabalhadores, que eram incentivados a decorar o espaço do seu próprio modo e com seus próprios móveis (ARCHITECTURE-GUIDE, 2006).



FIGURA 07 – Centraal Beheer Building – vista aérea

FONTE: ARCHITECTURE GUIDE



FIGURA 08 – Centraal Beheer Building – interior

FONTE: ARCHITECTURE GUIDE



FIGURA 09 – Centraal Beheer Building – interior

FONTE: ARCHITECTURE GUIDE

Projetado para ser o espaço de trabalho de mil pessoas, é constituído de sessenta torres em formato de cubos. Estas torres são interligadas por corredores que articulam o espaço interno, o que gera uma complexidade espacial não vista antes em edifícios corporativos. Além dos locais de trabalho, há também espaços para reuniões informais e de descanso que estimulam o convívio entre os trabalhadores. As aberturas zenitais proporcionam iluminação natural, deixando os ambientes mais agradáveis e humanos. A maior desvantagem desta organização do espaço é a quantidade de circulação, que aumenta consideravelmente, fazendo com que sejam necessários muito mais metros quadrados por funcionário.

Comparando estes três edifícios nota-se uma evolução no exterior, mas principalmente na qualidade espacial de seu interior. Mesmo os dois primeiros possuindo um layout de estações de trabalho mais flexível, a possibilidade de customização do espaço no terceiro faz com que os trabalhadores se sintam mais confortáveis, pois remete a ideia de lar, além de criar percursos interessantes com espaços de encontro.

2.3 O REFLEXO DA TECNOLOGIA NO ESPAÇO DE TRABALHO

O rápido desenvolvimento da área da Tecnologia da Informação e a quantidade de conhecimento que surgiu nas últimas duas décadas, vindo da indústria criativa no Vale do Silício, resultou numa geração de trabalhadores que mudaram a forma de trabalhar, acarretando em novos espaços de trabalho colaborativo. Desde o ano 2000, o impulso de criar e inovar se tornou uma obsessão para as empresas de tecnologia e economia criativa².

Para incentivar a criatividade e colaboração, estes novos espaços de trabalho são geralmente agradáveis e informais. A tecnologia permite que se trabalhe com apenas uma simples mesa onde você pode usar seu notebook. É um conceito impensável para gerações anteriores que neste novo espaço de trabalho haja sofás, poltronas, árvores e até mesmo videogames. Quando entramos em um espaço de trabalho colaborativo coseguimos entender que o ambiente de trabalho está se tornando cada vez mais humano.

Se antes o espaço totalmente aberto era considerado o melhor, hoje a informalidade, que favorece o encontro, é priorizada. Acima de tudo, este ambiente deve promover a interação e a descoberta. Enquanto Taylor racionalizou o processo de produção, a Google agora maximiza o convívio de seus funcionários. Apesar de ainda termos grandes edifícios que representam o prestígio das empresas, comunidades de empreendedores estão banindo a hierarquia e tornando seu ambiente de trabalho num espaço colaborativo.

² “Economia criativa são atividades nas quais resultam em indivíduos exercitando a sua imaginação e explorando seu valor econômico. Pode ser definida como processos que envolvam criação, produção e distribuição de produtos e serviços, usando o conhecimento, a criatividade e o capital intelectual como principais recursos produtivos” (HOWKING, 2001)

3 ESPAÇO DE COWORKING

3.1 ECONOMIA COLABORATIVA

O conceito de compartilhamento e colaboração não é novo. Mas essa nova forma de economia colaborativa está tomando uma definição mais estruturada, caracterizada pelo pensamento coletivo e participação generalizada. A crise econômica mundial foi um dos principais catalisadores para esse novo pensamento. A redução do poder de compra gerou a necessidade de uma nova estrutura econômica. As estruturas que sustentavam a economia foram reavaliadas, fazendo com que grandes corporações e estatais deixassem de significar um lugar seguro para trabalhar (DESKMAG, 2012).

Antonin Léonard é cofundador da OuiShare, plataforma online que visa discutir e promover essa nova economia, e segundo ele: “As pessoas estão mudando o modo como vêem suas vidas, e a maneira como vivem, trabalham e socializam... A confiança é a base da economia colaborativa. E isso vem num momento em que a confiança em organizações, corporações e governos está sendo perdida.”.

A internet também tem um grande papel nessa expansão. Há poucos anos o avanço tecnológico e a internet foram considerados fatores que proporcionavam o isolamento, mas hoje são eles que permitem as conexões sociais.

Tendo em vista estes fatores, Cashman (2012) afirma que a economia colaborativa é consequência de dois desejos. O primeiro é a otimização. Almejado pelas pessoas que querem economizar recursos e que estão motivadas pela redução do desperdício ou aumento do ganho monetário de forma social e sustentável. O segundo é o desejo de compartilhar experiências e colaborar com o próximo fora do campo online. Sites como *Couchsurfing* – onde você aluga o sofá de alguém para passar a noite – e aplicativos como o BlaBlaCar – que conecta pessoas para oferecer caronas em viagens – são bons exemplos deste desejo.

Apesar de falarmos sobre a mudança no comportamento do consumidor, a economia colaborativa afeta diretamente a indústrias e o varejo, gerando um impacto

na forma de produzir. A liberação de patentes e o compartilhamento de técnicas está fazendo com que surjam projetos que diminuem a dependência de oligopólios³ de produção.

Espaços de *coworking* são bons exemplos de como conseguir criar escalas de economia colaborativa. Eles possuem os dois desejos – de otimização e compartilhamento de experiências – e vivem de forma harmônica com a economia tradicional. Ainda segundo Cashman (2012), eles funcionam como clubes de comunidades locais que podem ter seu talento disseminado, através da rede de contatos da comunidade, em forma de conhecimento ou produtos. Começando a se tornar cada vez mais conhecidos e numerosos, os *coworkings* estão se tornando uma comunidade global constituída de várias comunidades locais que compartilham informação.

Se a Revolução Industrial definiu o modo com que trabalhávamos e, conseqüentemente, como era o local de trabalho, o que os defini hoje é a evolução rápida da tecnologia. O modelo de escritório comum, conhecido pelas mesas de trabalho e sua disposição racional, já não é mais necessário. Os escritórios estão sendo projetados não mais para empresas, mas para seus funcionários.

3.2 CONCEITUAÇÃO DE COWORKING

Os princípios básicos de *coworking* vêm de séculos atrás, quando artistas e escritores se reuniam em comunidades para praticar suas atividades de trabalho. Mas apenas nos últimos anos que esta prática ganhou um termo para descrevê-la.

O termo *coworking* foi utilizado pela primeira vez em 1999 quando Brian Dekoven o descreveu como “trabalhando juntos como iguais”, que, dito desta forma tão simples, não parece representar algo tão inovador como é de fato o *coworking* (DEKOVEN, 2013).

De forma mais simples, espaços de *coworking* são lugares onde *free-lancers* e *start-ups* alugam uma mesa e se reúnem para trabalhar. Segundo Huwart, Dichter e Vanrie “O princípio do *coworking* é muito simples: trabalhadores autônomos se reunindo no mesmo espaço para trabalhar nos seus próprios projetos” [sic] (HUWART; DICHTER; VANRIE, 2012, p. s.n.).

³ Forma evoluída de monopólio, no qual um grupo de empresas promove o domínio de determinada oferta de produtos e/ou serviços.

O significado deste termo, como conhecemos hoje, surgiu em 2005, quando Brad Neuberg abriu o primeiro escritório de *coworking*, na cidade de São Francisco, EUA. De acordo com DeGuzman e Tang (2011), Neuberg sentiu a necessidade de um espaço para trabalhar com a estrutura de um escritório mas que pudesse ter a liberdade e independência de um *free-lancer*. Neuberg aproveitou um momento em que a tecnologia facilitava novas maneiras de encontros para criar um espaço de colaboração.

De uma forma mais profunda, espaços de *coworking* formam uma comunidade, criando conexões entre os membros, levando a uma troca de ideias e informações. Essa troca não é prevalente em modos de trabalho convencionais, onde o comum é o clima de competição entre os trabalhadores.

Não há uma definição exata para o conceito de *coworking* mas, de forma geral e de acordo com Cashman, *coworking* segue os princípios de colaboração, comunidade e espaço de trabalho (DESKMAG, 2009).

Esta nova tipologia de escritório é consequência do aumento significativo de *start-ups* fundadas a cada ano e da necessidade de um espaço de trabalho que não possua um custo alto. Funcionam também como incubadoras de novas ideias, além de estimular a criatividade e a troca de informação entre os membros. Cada membro tem uma experiência única da comunidade, construindo sua própria rede de contatos de acordo com seus interesses (KLAAS, 2016).

Espaços de *coworking* oferecem a oportunidade de conectar microempresas e empresários que estão passando pelas mesmas situações, trocando conselhos sobre experiências similares. Em muitos casos, essas trocas geram novas ideias que solucionam os problemas enfrentados. Estes espaços também oferecem frequentemente eventos, *workshops*, aulas e palestras que ajudam os membros a melhorar sua capacidade empreendedora.

Além de formar uma comunidade dentro do espaço de *coworking*, cada espaço faz parte de uma comunidade maior feita de *coworkings*, podendo haver intercâmbio de membros entre eles em diferentes estados e países (WIKI-COWORKING, 2015).

3.3 VALORES

Enquanto o *coworking* foi desenvolvido para se tornar acessível a qualquer um, as pessoas responsáveis por torná-lo uma ideia global perceberam a necessidade de articular alguns elementos chave para que o seu conceito fosse especial (BLOG-COWORING, 2016).

Com essa finalidade, esses líderes, juntamente com a participação da comunidade global de *coworking*, adotaram cinco valores que resumem toda a ideia e conceito do que é o *coworking*. Estes valores são importantes porque diferem os espaços de *coworking* dos demais espaços onde você simplesmente aluga uma mesa para trabalhar. São eles:

- **COMUNIDADE.** Para Alex Hillman, diretor do *coworking* Indy Hall, no contexto de *coworking*, o foco na comunidade significa enfatizar as pessoas, suas interações e as relações que são formadas acima de tudo. Na Indy Hall, cada decisão considera seus membros e as oportunidades para interação entre eles.
- **ABERTURA.** Em entrevista para a revista on-line Rexpedition, Chris Messina, um dos fundadores do conceito de *coworking*, diz: “Quando penso em abertura, penso em liberdade e independência. Independente da definição que abertura tenha, você sempre deve lutar para que as decisões sejam tomadas da maneira mais transparente, expansiva, liberal e inclusiva. Isso deve ocorrer tanto por questões morais quanto econômicas.” membros e as oportunidades para interação entre eles.
- **COLABORAÇÃO.** Espaços de *coworking* são ótimos para aprender a se tornar um melhor colaborador. Os fundadores dos melhores *coworkings* tendem a olhar para seus membros muito mais como colaboradores do que como clientes. Os membros que trabalham juntos – não só num mesmo projeto mas também no mesmo local – tendem a ter um senso de comunidade mais profundo (BLOG-COWORING, 2016).
- **SUSTENTABILIDADE.** Há muito mais no conceito de sustentabilidade do que simplesmente utilizar papel reciclado e se deslocar de bicicleta. Num espaço de

coworking, significa dar apoio, estimular e impulsionar os colegas. É sobre de doar e saber contribuir, pois é através destas ações que a própria comunidade é sustentada (COWORK FREDERICK, 2013).

- **ACESSIBILIDADE.** O espaço de *coworking* é um dos únicos lugares no mundo onde todos que estão lá estão por vontade própria. Um ambiente composto por membros que escolheram fazer parte desta comunidade é um ambiente extremamente positivo e estimulante para trabalhar. Um *coworking* acessível facilita o acesso do membro não só ao local físico, mas à comunidade em si.

Quanto mais o espaço de *coworking* seguir esses valores, alinhado com as necessidades de socializar dos membros, maior será a conexão entre os membros e o espaço. Não é necessário que se adote os cinco valores, o que acontece geralmente é adotar pelo menos um deles e o torná-lo característica do local.

Um manifesto tem procurado ir além destes valores, enfatizando outras características do *coworking*:

- Colaboração ao invés de competição;
- Comunidade ao invés de singularidade;
- Participação ao invés de observação;
- Amizade ao invés de formalidade;
- Ousadia ao invés de garantia;
- Aprendizado ao invés de convicção.

Quando um espaço reflete estes valores ele se torna um ambiente propício para se trabalhar de forma colaborativa, que é o grande conceito de *coworking* (WIKI-COWORKING, 2015).

3.4 O PERFIL DO COWORKER E SUA AVALIAÇÃO DO ESPAÇO NO MUNDO

Em geral, o *coworker* é um profissional da área da *web*, *free-lancers*, designers e redatores. Mas, devido ao avanço destes espaços, da tecnologia, e do fácil acesso à

internet, outros profissionais como arquitetos, contadores e até mesmo advogados, estão aderindo a esta nova forma de trabalho (HUWART, DICHTER e VANRIE, 2012).

Desde 2011, a revista on-line Deskmag faz anualmente uma pesquisa universal para descrever o perfil do *coworker*. Em sua primeira pesquisa – com mais de 1500 membros de 52 países – Foertsch (2011) apontou que a média de idade dos *coworkers* era de 34 anos, mais da metade trabalhava como *free-lancer*, e metade moravam num raio de até cinco quilômetros do espaço de *coworking*. Além disso, outro fator importante mostrado na pesquisa é o grau de escolaridade dos *coworkers*: 80% possuíam ensino superior.

A mesma pesquisa, realizada no ano seguinte, reforçou os resultados da pesquisa anterior, porém, apresentou uma maior variação da faixa etária. Desta vez, *coworkers* com mais de 50 anos eram 1 em cada 12 entrevistados (FOERTSCH, 2012).

O valor de colaboração foi notado nos resultados da primeira pesquisa, já em 2011, onde mais de 90% dos entrevistados demonstraram um aumento do círculo social e 75% reportaram aumento de produtividade após se tornarem membro de um *coworking*. A confiança também se mostrou um fator presente entre os membros. Apenas 2% disseram que não deixariam seu celular ou computador na sala enquanto estivessem fora.

Ainda na mesma pesquisa, o valor de comunidade se sobressaiu. Mais de 80% dos entrevistados disseram que o que gostam mais no espaço são as pessoas com quem o dividem, enquanto apenas 46% respondeu ser o preço o elemento principal.

Ao final da pesquisa chegou-se num resultado positivo. De 0 a 10 (sendo 10 o melhor), os *coworkers* avaliam seu espaço com uma nota 8,4 e quase 70% disseram que não pretendem sair do espaço de *coworking*.

3.5 O PERFIL DO COWORKER E SUA AVALIAÇÃO DO ESPAÇO NO BRASIL

O Brasil teve seus primeiros espaços de *coworking* há poucos anos. Inaugurados na cidade de São Paulo, no final de 2007 e início de 2008, o HUB – que é uma rede internacional de *coworkings* – e o Ponto de Contato se tornaram referência desta nova forma de trabalho e inspiraram a abertura de novos espaços. Em dois anos, o Ponto de Contato passou de 16 estações de trabalho para 50, e já em 2013 abriu uma filial. O HUB, por sua vez, abriu novas sedes em mais quatro capitais (DESKMAG, 2013).

Desde então, já temos quase 400 *coworkings* no país. Um censo realizado este ano aponta Curitiba como a quarta capital com mais espaços de *coworking*, ficando atrás de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. (COWORKING-BRASIL, 2016).

Uma pesquisa realizada pelo site Movebla – plataforma on-line com foco na melhoria do trabalho remoto – em 2014 analisou o perfil do *coworker* brasileiro. Foi feita em parceria com a Deskmag e a PUC-PR, e, ao final, mostrou que os perfis brasileiro e mundial de *coworker* coincidem (FIGURA 10).

No Brasil, a procura por espaços de *coworking* é maior no início do ano, nos meses de janeiro e fevereiro. A maior parte dos *coworkers* costumavam trabalhar apenas em suas casas. Apenas 46% utilizam o espaço diariamente, o que o torna mais dinâmico ao longo da semana. Dois em cada três *coworkers* são homens, e a faixa etária predominante é dos 21 aos 36 anos (75%). Apesar do valor de sustentabilidade ser bastante forte, quase 60% dos entrevistados disseram que utilizam o carro como meio de transporte para ir trabalhar, e a média de tempo de casa até o espaço não chega a 30 minutos. Apesar de, na busca por um *coworking*, a área de lazer e relaxamento fazer diferença na hora da escolha, o que mais importa para os *coworkers* é que ele tenha facilidades como bares, restaurantes e farmácias, localizadas próximos a ele. (MOVEBLA, 2014).

Estes dados publicados pela Movebla em 2014, comprovam que, apesar de algumas diferenças por conta da cultura de cada local, o perfil do *coworker* brasileiro é muito parecido com o perfil dos outros países.

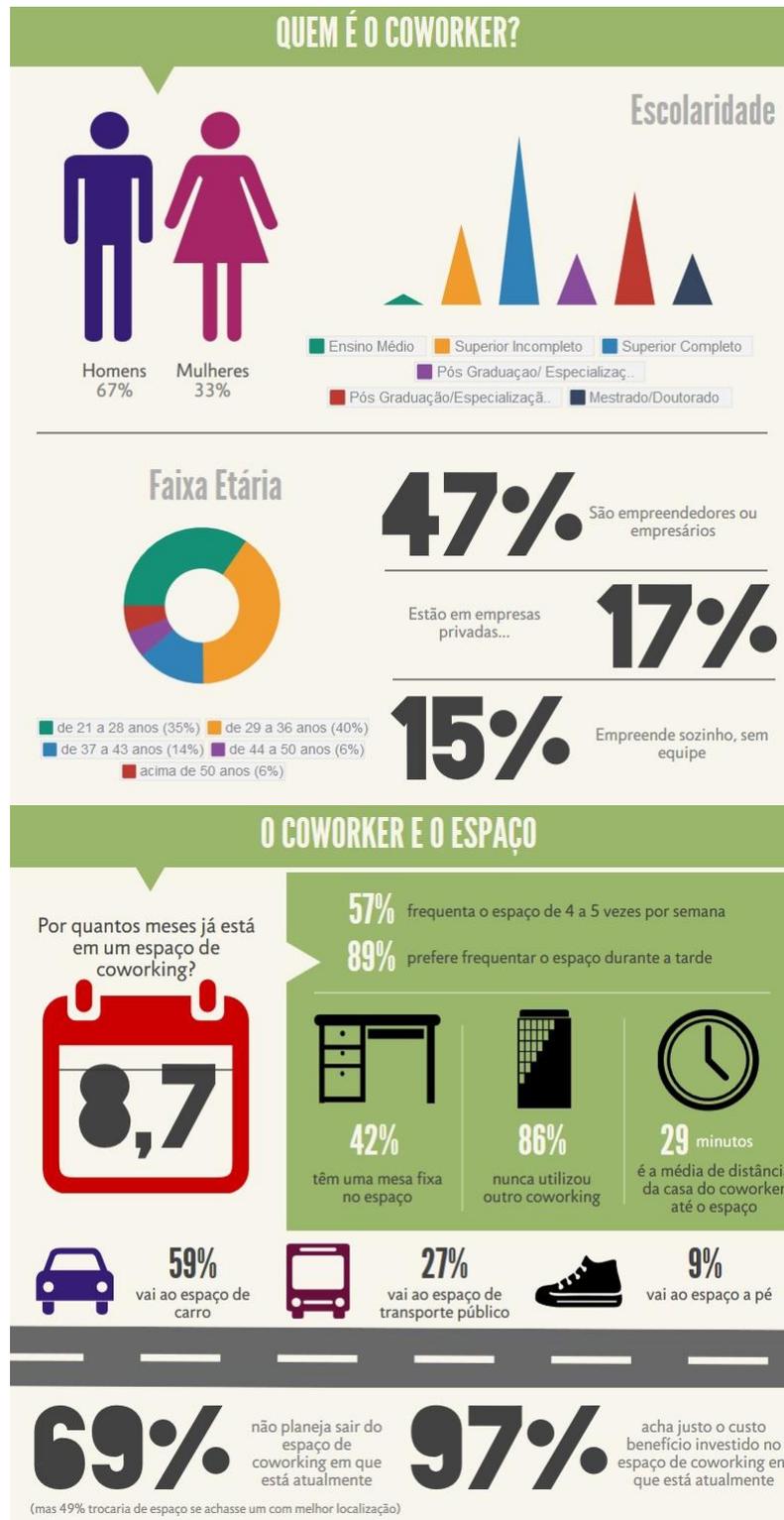


FIGURA 10 – Infográfico com dados do *coworker* brasileiro
 FONTE: MOVEBLA

3.6 O ESPAÇO DE COWORKING

Segundo Fayard e Weeks (2011) um ambiente pode ou não encorajar a interação entre as pessoas. Isto depende basicamente das condições físicas e sociais de três fatores: proximidade, privacidade e permissão.

Essa proximidade não está somente relacionada aos aspectos físicos do ambiente, mas também aos psicológicos e sociais. Sendo assim, a privacidade proporcionada é um fator que – atuando tanto no campo físico quanto no psicológico – define graus de interações, que, ao contrário do que se imagina, acontecem menos em ambientes onde as pessoas não podem evitar que aconteçam (FAYARD E WEEKS, 2011).

Para Hertzberger (2006), é essencial que o espaço não seja totalmente formal para que encontros casuais aconteçam. Essa informalidade permite que o contato entre as pessoas seja interrompido de acordo com a vontade dos envolvidos, e isso, na verdade, os encoraja a prosseguir. Sendo assim, são necessários diversos espaços que permitam diferentes graus de interação. Estes espaços, apesar de relacionados entre si, devem refletir – seja por material ou mesmo pelo pé-direito – o tipo de interação que se pretende ter ali.

Após uma pesquisa mundial sobre os aspectos dos espaços de *coworking*, Broek (2012) enumerou seis elementos que formam tal espaço: energia compartilhada, proximidade, permissividade, privacidade, meios compartilhados e acessibilidade. Tais elementos foram graduados em uma escala de 0 a 10 de importância, sendo 10 muito importante (FIGURA 11).

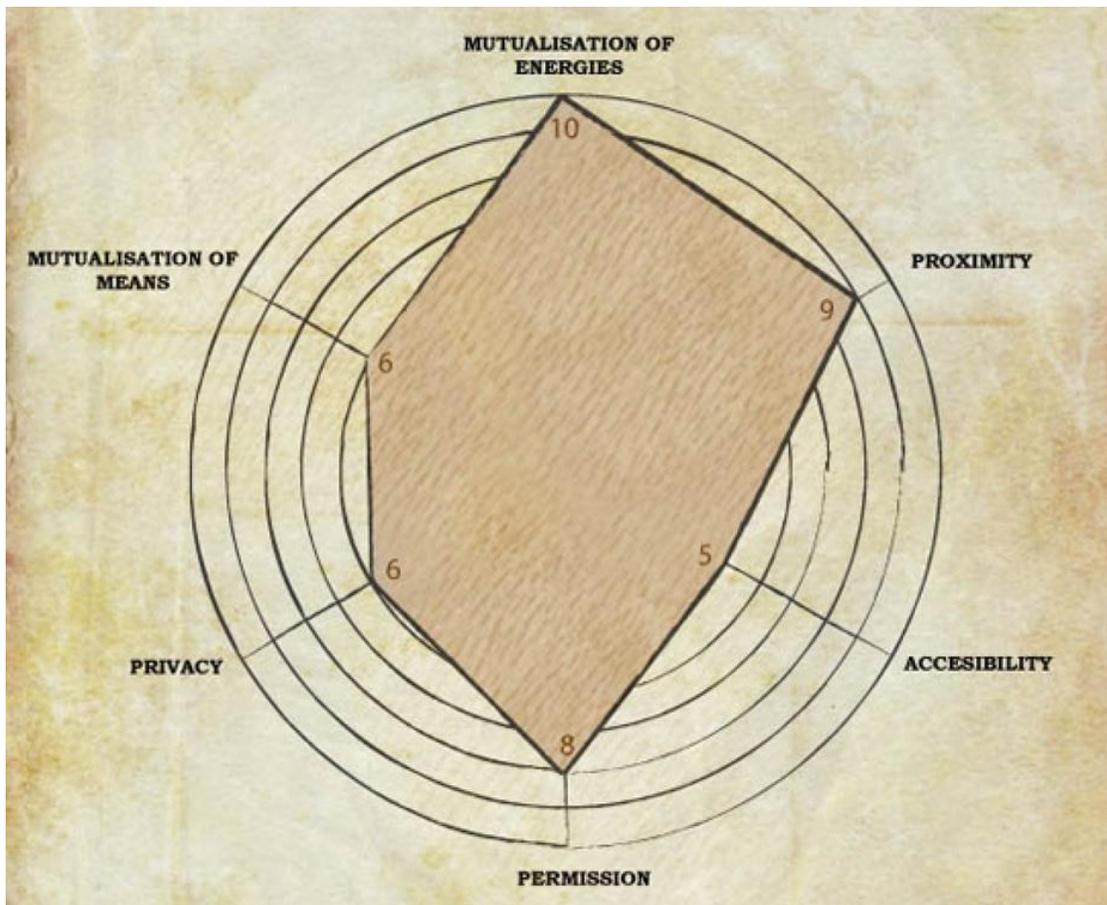


FIGURA 11 – Elementos do *coworking* e seu grau de necessidade

FONTE: BROEK, 2012

A acessibilidade é a facilidade de entrar e sair do espaço. Quanto mais fácil for, mais acessível ele será. No âmbito da cidade, a acessibilidade é garantida através da sua localização. Estar perto de pontos de ônibus ou metrô e próximo a restaurantes, cafés e praças, garante a acessibilidade. Mas além disso, também devemos considerar a facilidade em se tornar membro de um *coworking*. A possibilidade de trabalhar fora do horário comercial e de pagar por hora de uso do espaço faz com que um *coworking* se torne mais ou menos acessível (DESKMAG, 2012).

Uma das dificuldades enfrentadas quando um trabalhador decide sair da empresa onde trabalha para montar seu escritório é o alto custo dos equipamentos necessários. Mesmo quem não precisa de uma impressora 3D ou de uma máquina de costura, por

exemplo, acaba gastando com itens básicos como cadeiras e mesas. Por esta razão, um espaço de *coworking* que consiga ter mais equipamentos para seus membros compartilharem tem mais chances de ser procurado por *coworkers*.

Se para DeGuzman e Tang (2011) a falta de privacidade é fator negativo do espaço de *coworking*, Broek (2012) explica que o excesso de privacidade pode inibir o contato desejado entre as pessoas. O uso de armários com cadeados, por exemplo, garante a segurança financeira, o que já faz com que o lugar tenha certa privacidade.

A permissividade está relacionada à possibilidade de customização do espaço de trabalho. Quando o membro é convidado a interferir no espaço de forma a deixá-lo como gosta, ele se sente mais à vontade de estar ali. Poder levar pertences de casa, intervir no espaço e convidar mais pessoas a participarem de eventos torna o espaço mais permissivo. Apesar de um ambiente permissivo ser mais difícil de gerenciar e facilitar uma possível bagunça, ele inspira a criatividade e promove o bem estar do membro (BROEK, 2012).

O segundo fator com maior importância num espaço de *coworking* é a proximidade, esta relacionada à relação entre seus membros. O espaço deve possibilitar encontros casuais e reuniões entre os *coworkers*. Áreas de estar, cozinha compartilhada e mesas comunitárias ajudam a aproximar os membros sem que eles percam sua privacidade.

Ainda segundo Broek (2012), mais importante que a proximidade está apenas a energia compartilhada entre os *coworkers*. Este é o fator que determina a escolha do espaço de *coworking* como local de trabalho. Podendo trabalhar em qualquer lugar com acesso à internet, o que atrai os membros é a possibilidade de compartilhar experiências – aprendendo com as dificuldades alheias e mostrando novas soluções – e crescer profissionalmente num ambiente com pessoas de diferentes perfis e trabalhos multidisciplinares.

3.7 VANTAGENS E DESVANTAGENS

Felena Hanson é fundadora do *coworking* Hera Hub e, segundo ela: “O *coworking* foi concebido para preencher as lacunas entre as várias opções de espaço de trabalho disponíveis para empreendedores e profissionais liberais.” (HANSON, 2013). (tradução nossa).

Não é todo mundo que consegue trabalhar num *coworking*. Levando em consideração apenas a profissão e não o perfil do usuário, algumas profissões requerem espaços próprios para sua prática. Mas, quando comparado ao *home office* – forma de trabalho mais comum entre os *coworkers* antes de aderirem a um *coworking* – o *coworking* apresenta muitas vantagens (FOERTSCH, 2012). As principais são:

- O ambiente de trabalho não se confunde com o ambiente domiciliar. Ou seja, por estar trabalhando em casa, assuntos do dia a dia, como filhos ou mesmo o carteiro, podem solicitar sua atenção. E, por outro lado, quando se está em casa, cobranças do trabalho se tornam comum, afinal você está no seu ambiente de trabalho.
- O espaço de *coworking* oferece melhor e maior infraestrutura. Estes espaços possuem locais para reuniões, equipamentos como retroprojektor e impressora, conexão de alta velocidade, além do mobiliário adequado ao trabalho.
- Aumento da rede de contatos. Estar num local com profissionais da mesma área possibilita a troca de experiências semelhantes, enquanto profissionais de outras áreas podem se tornar clientes ou parceiros.

Apesar de apresentar algumas desvantagens – principalmente para quem não tem o perfil de *coworker* – como barulho e deslocamento de casa até o local, o espaço de *coworking* se mostra vantajoso e ideal para quem quer a flexibilidade de horários de trabalho e o convívio com outras pessoas.

4 ESTUDOS DE CASO

4.1 IMPACT HUB – BELGRADO, SÉRVIA

Hub é a maior rede de espaços de *coworking*. Fundada em 2005, em menos de 10 anos já possuía sedes nos cinco continentes. São mais de 15 (quinze) mil membros espalhados por mais de 80 unidades (HUB).

Uma de suas sedes na Europa fica em Belgrado, capital da Sérvia (FIGURA 12). Com quase 2 milhões de habitantes, Belgrado é das cidades mais antigas do continente e principal centro econômico, político e cultural do país.



FIGURA 12 – Localização de Belgrado
 FONTE: EASY VIAJA

Localizado no centro da cidade, o Hub Belgrado surgiu da adaptação e renovação dos espaços do salão de eventos do prédio histórico da antiga casa-sede da Associação da Cooperativa de Compras dos Empregados do Estado.

O edifício, construído no final da década de 1930, é considerado parte do patrimônio cultural sérvio. Sendo assim, a preservação dos elementos originais do interior foi uma das principais características do projeto de adaptação, realizado pelo escritório *URED architecture studio* em 2014.

São 500 m² em dois pavimentos com formato de basílica. Estes dois pavimentos foram divididos em três ambientes internos e um externo. Para atender o programa de necessidades de um espaço de *coworking*, o espaço interno foi reorganizado. Assim, as duas salas de reunião, duas cabines para uso de telefone e chamadas de vídeo, quatro escritórios, cozinha comunitária e sanitários ficaram no nível inferior, agrupados em torno de um espaço central de trabalho coletivo.

Uma estrutura de aço foi utilizada para formar o segundo nível, que se conecta aos espaços externos de galerias existentes do edifício. Esta nova estrutura possibilitou a criação de um espaço de trabalho e uma sala de conferências. Por este nível é possível acessar o terraço, que também é utilizado como espaço de trabalho e socialização durante as estações mais quentes do ano.

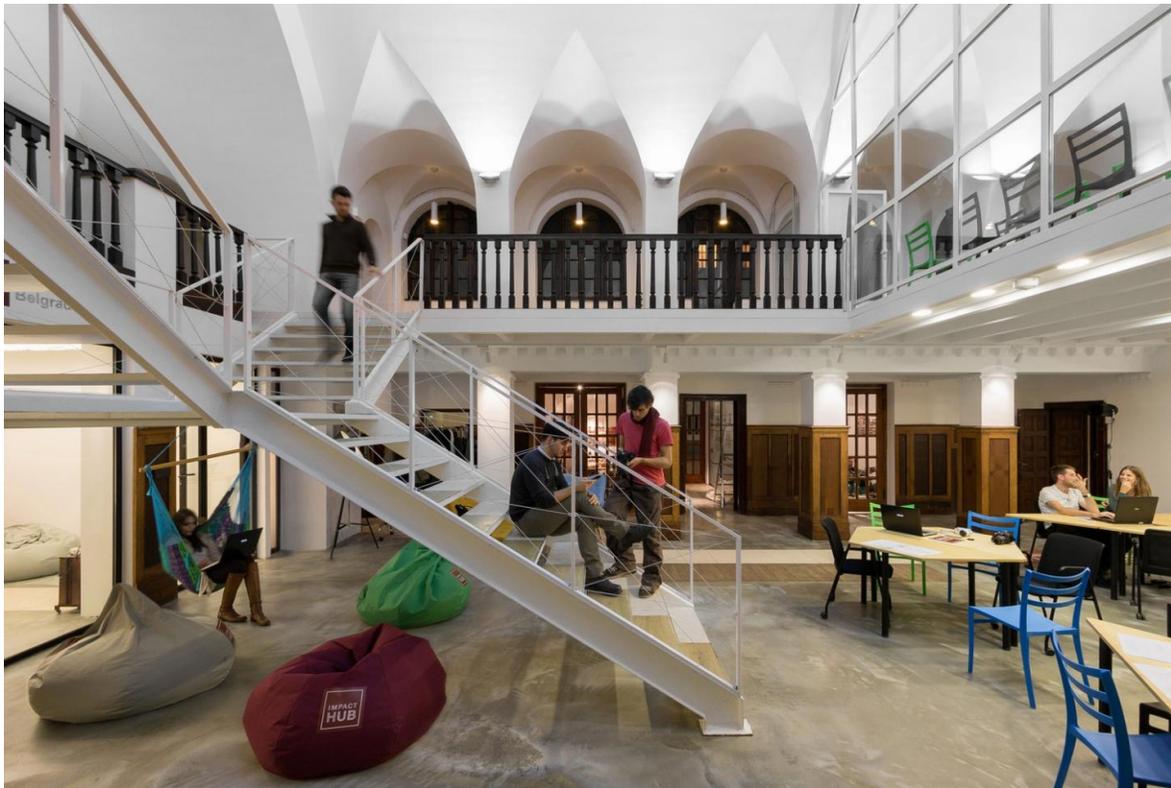
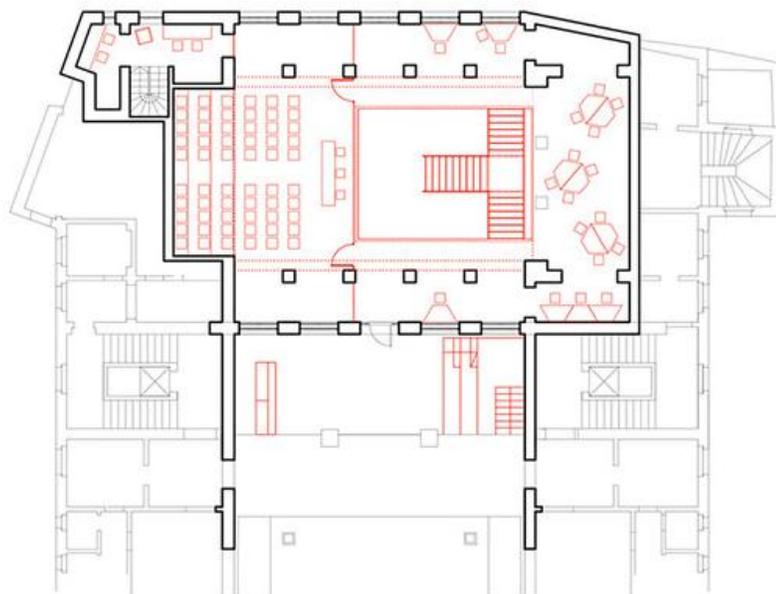
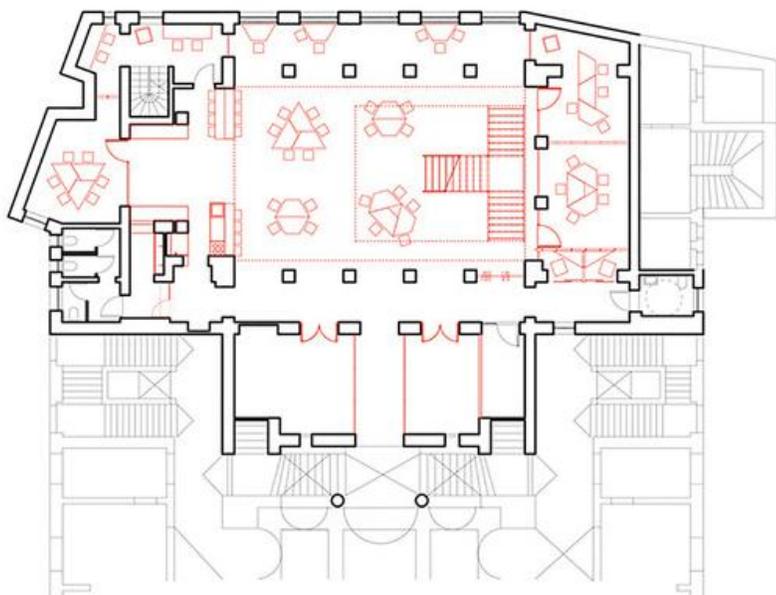


FIGURA 13 – HUB BELGRADO
FONTE: HUB



1st floor



ground floor |

FIGURA 14 – HUB BELGRADO - Plantas baixas dos dois pavimentos. Elementos novos representados em vermelho.
FONTE: HUB

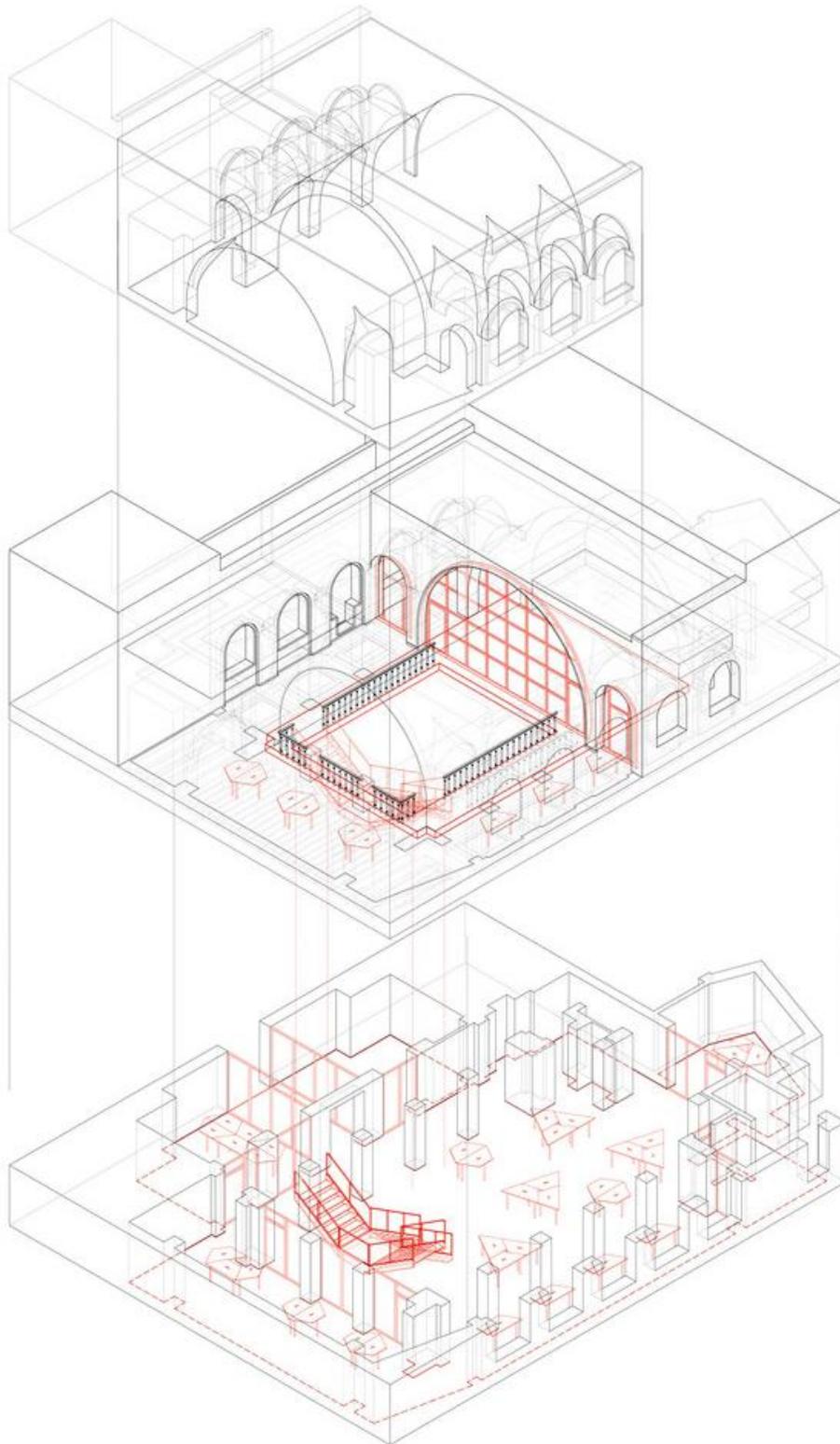


FIGURA 15 – HUB BELGRADO - Perspectivas isométricas dos pavimentos. Elementos novos representados em vermelho.
FONTE: HUB



FIGURA 16 – HUB BELGRADO - Corte longitudinal. Elementos novos representados em vermelho.
 FONTE: HUB



FIGURA 17 – HUB BELGRADO - Corte longitudinal perspectivado
 FONTE: HUB

Para que a referência espacial original do edifício não fosse perdida, os novos elementos contrastam com os antigos, principalmente pelos materiais. As divisórias internas, por exemplo, são de vidro, e, com sua leveza, a nova estrutura metálica se

destaca em meio à original. A comunidade Impact Hub tem como característica o respeito ao local onde se insere, afirmando os valores do *coworking*. Assim, um dos princípios mais importantes na revitalização de um espaço é a continuidade funcional.



FIGURA 18 – HUB BELGRADO - Salas privadas
FONTE: HUB

Além de propor uma nova organização espacial, o escritório sérvio também projetou uma mesa de trabalho especial, que se adéqua as necessidades momentâneas dos usuários. Funcional e econômica, tem seu desenho trapezoidal, é dobrável, fácil de transportar e armazenar. Consiste num módulo que permite diversas combinações, possibilitando que sejam agrupadas em conformações mais despojadas ou sérias (FIGURA 20).



FIGURA 19 – HUB BELGRADO – Mezanino

FONTE: HUB

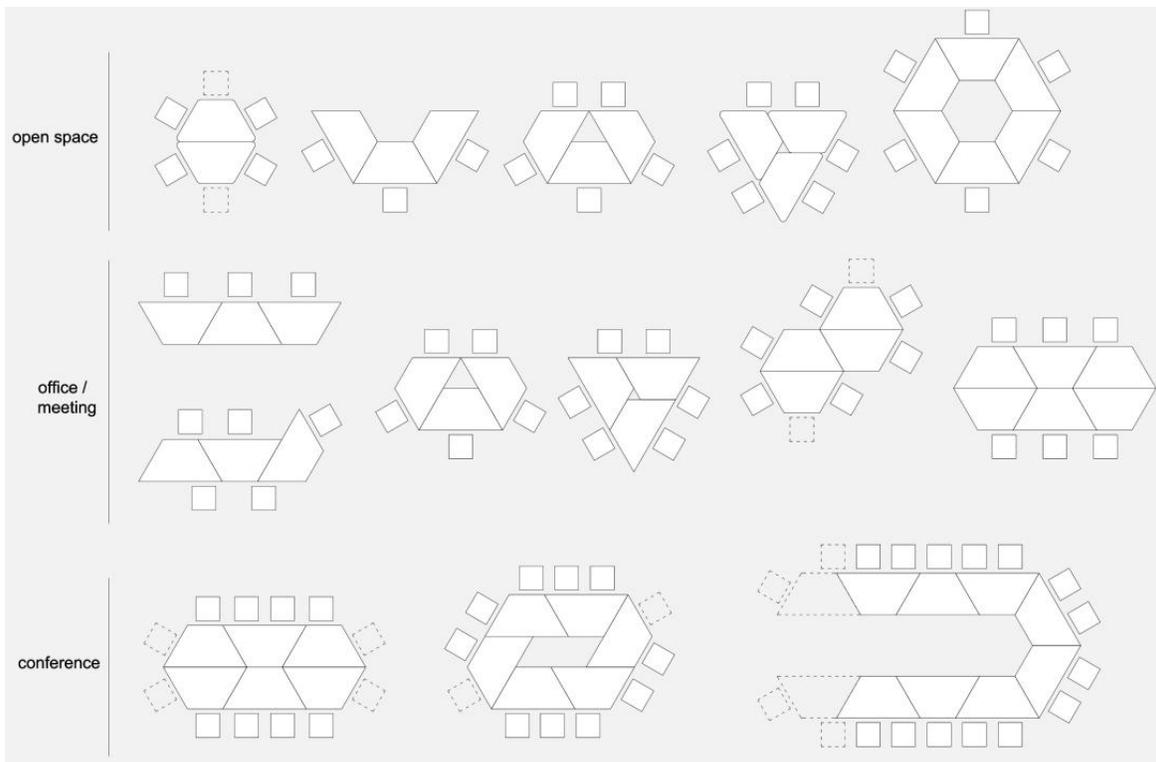


FIGURA 20 – HUB BELGRADO – Possíveis *layouts* de estações de trabalho
FONTE:

4.2 SECOND HOME – LONDRES, INGLATERRA

O Second Home é um espaço de *coworking* que tem como objetivo ser local de trabalho de cerca de 30 empresas pequenas e alguns trabalhadores autônomos. Está situado no leste londrino, na região de Spitalfields, conhecida pela revitalização – devido aos jogos olímpicos de 2012 – após passar décadas degradada.



FIGURA 21 – Localização de Londres
FONTE: EASY VIAJA



FIGURA 22 – SECOND HOME - Situação
FONTE: METALOCUS

Projetado e construído em 2014, foi o primeiro projeto do escritório espanhol Selgascano, do casal Jose Selgas e Lucia Canos, em Londres. O escritório segue uma linha de projeto que trabalha com a horizontalidade, transparência, fluidez e formas orgânicas.

Estas características foram expressadas nos 2400 m² de espaço interno num edifício existente, onde o Second Home funciona e também em sua fachada, quebrando a ortogonalidade e dando um novo ritmo (FIGURA 24).

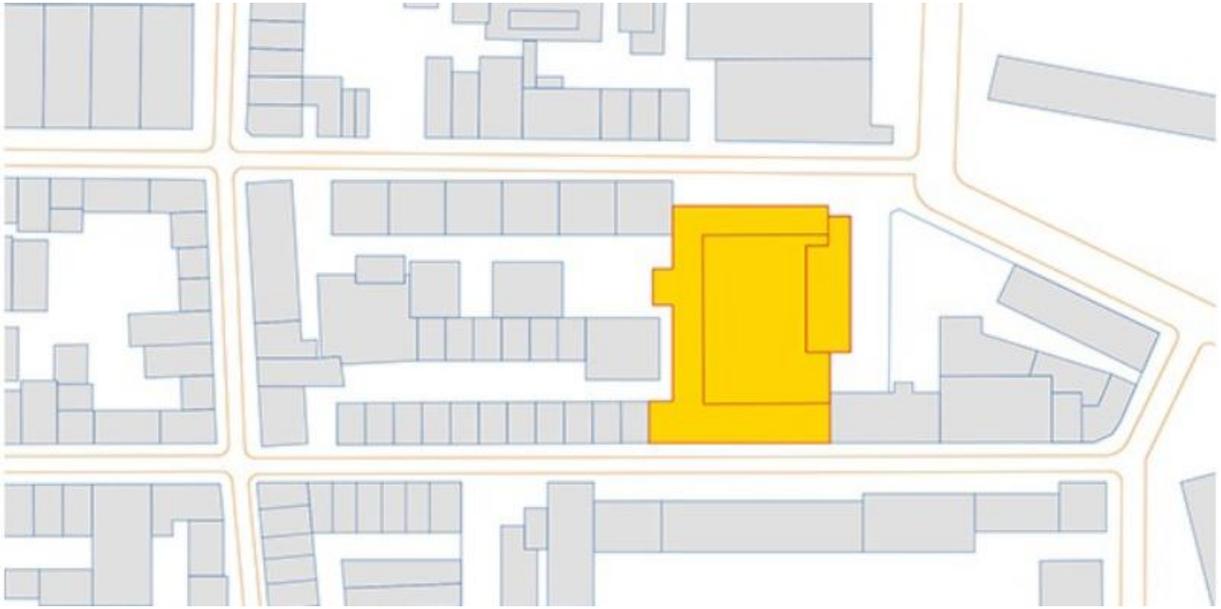


FIGURA 23 – SECOND HOME – Implantação
FONTE: ARCHDAILY



FIGURA 24 – SECOND HOME – Fachada
FONTE: ARCHDAILY

Apesar de ter como objetivo abrigar pequenas empresas, o espaço mais importante do projeto – organizado em dois pavimentos – é o comum, que pode ser utilizado por todos os membros. O projeto teve como conceito levar para dentro do edifício a ideia de bairro, criando alguns nichos soltos no ambiente e espaços coletivos que estão articulados por circulações orgânicas. Como está inserido entre duas ruas paralelas, a parede dos fundos também foi modificada. Novas aberturas foram formadas para garantir que a iluminação natural fosse aproveitada.



FIGURA 25 – SECOND HOME – Interior
FONTE: ARCHDAILY

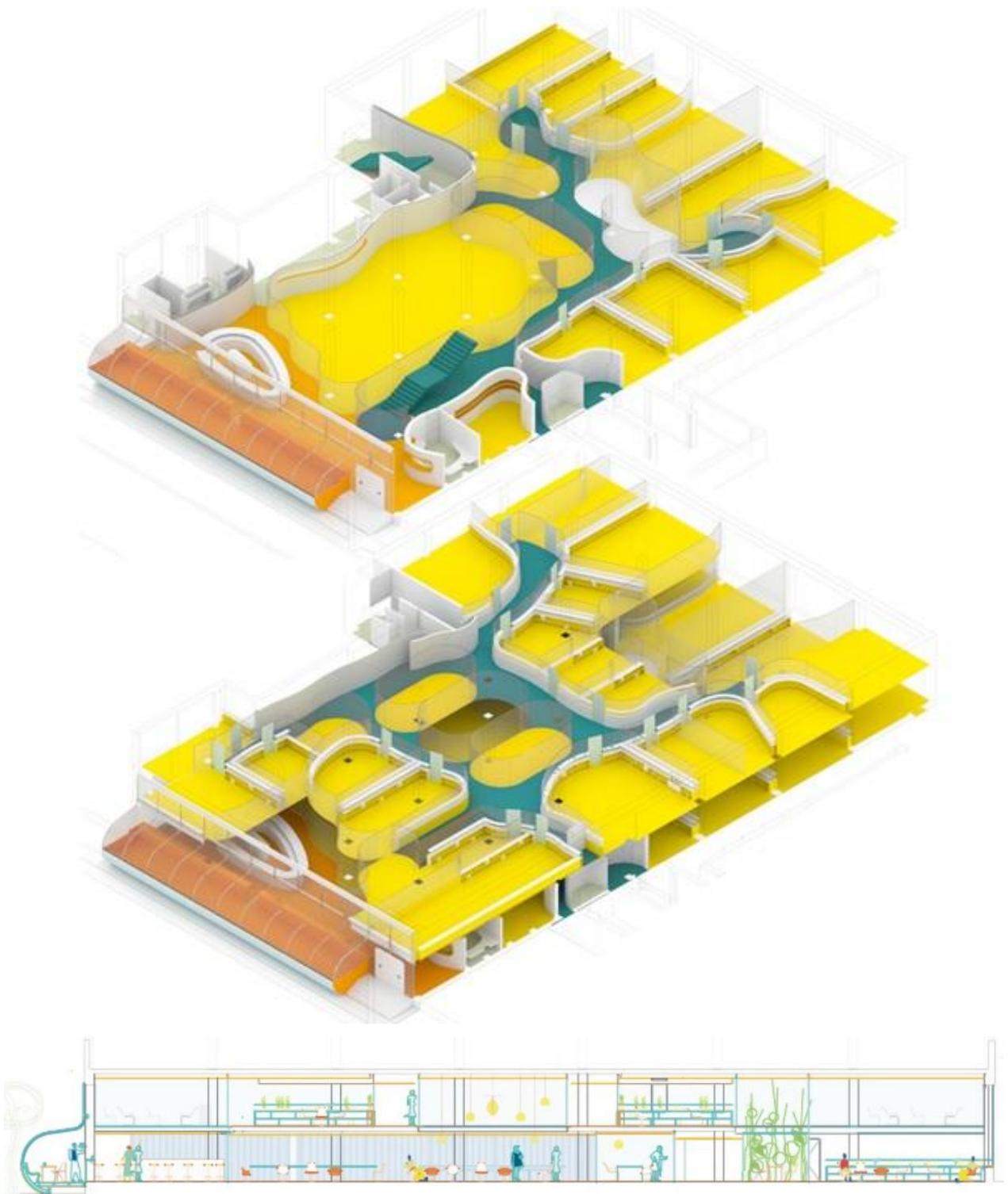


FIGURA 26 – SECOND HOME – Perspectivas isométricas e corte longitudinal
FONTE: ARCHDAILY

São sete salas de reunião, vários espaços de descanso para ler ou conversar, um grande bar e cafeteria aberto ao público, além de uma zona mista de trabalho e eventos. Nesta zona, uma grande mesa comunitária se eleva para o teto, liberando o piso para atividades como yoga, ginástica laboral, apresentações, festas, conferências, *workshops*, e o que mais o espaço permitir.



FIGURA 27 – SECOND HOME – Exterior
FONTE: ARCHDAILY

Um questionamento que o próprio escritório teve em relação ao projeto foi o por que de transformar um espaço com uma ortogonalidade e trama simples de pilares em um espaço complexo, denso e totalmente orgânico. A justificativa veio da necessidade de economizar espaço e ocupá-lo com pequenos locais de trabalho ao invés de criar esquinas e cantos que ficariam inutilizados.

Devido à complexidade gerada pela adoção de um partido orgânico, a solução para não deixar o ambiente com aspecto de labirinto foi a permeabilidade visual. Para isso, o material mais utilizado foi o acrílico. Além de garantir a permeabilidade visual, o

acrílico – junto com o uso de carpetes e tetos absorventes – soluciona o problema da acústica de um ambiente tão grande, pois absorve o som.



FIGURA 28 – SECOND HOME – Espaço interno
FONTE: ARCHDAILY



FIGURA 29 – SECOND HOME – Espaço interno
FONTE: ARCHDAILY

O uso do acrílico como material de vedação das salas internas também ajudou na iluminação. Como o ambiente interno é um grande salão, dependendo da nova conformação escolhida pelos arquitetos, os espaços centrais poderiam ficar obscuros e mal ventilados. Porém, este material permite a passagem de luz natural para todo o interior. Algumas destas salas, que são utilizadas por pequenos grupos, possuem pé direito duplo. Desta forma, além de gerar uma complexidade espacial estimulante, não deixa os ambientes tão enclausurados. A ventilação foi resolvida através do forro rebaixado nas áreas de circulação, fazendo com que dutos de passagem de ar cheguem aos ambientes internos.

A vegetação natural contrapõe com a artificialidade de alguns materiais escolhidos. O uso dela foi possível graças à escolha de plantas hidropônicas, presentes em todo espaço, que deixam o ambiente com visuais características de acordo com a estação do ano.

O mobiliário conta com peças desenhadas especialmente para o projeto, mas também com itens garimpados em antiquário. Há mais de 600 cadeiras e nenhuma delas é igual a outra. Seus desenhos vão desde o clássico até o contemporâneo.



FIGURA 30 – SECOND HOME – Espaço interno
FONTE: ARCHDAILY

4.3 QB|STUDIOS – CHRISTCHURCH, NOVA ZELÂNDIA

O Qb|Modular é um escritório da Nova Zelândia focado em projetos residenciais e comerciais. A fim de reduzir o tempo de obra, custo e desperdício de material, é especializado em projetos que utilizam um sistema de construção modular e pré-fabricado. Este sistema consiste numa combinação de painéis estruturais e *steel frame*. Mesmo sempre utilizando o mesmo tipo de sistema, seus projetos não ficam com o mesmo aspecto, uma vez que o cliente pode customizar a configuração dos módulos, seus revestimentos e conformação do telhado.

Poucos anos atrás, o Qb|Modular resolveu participar da transformação global que está ocorrendo do ambiente de trabalho e criou então o Qb|Studios. São pequenos espaços de *coworking* que apostam num estilo de vida mais interativo, baseado no trabalho colaborativo (QB-STUDIOS, 2016).

O primeiro *coworking*, Qb|Studios Addington foi inaugurado em 2014 em Christchurch, terceira maior cidade da Nova Zelândia, com quase 400 mil habitantes. Nos anos seguintes foram abertos mais dois espaços, desta vez em Auckland, e, para este ano de 2016, está prevista a inauguração de mais um em Christchurch.



FIGURA 31 – Localização Christchurch
 FONTE: EASY VIAJA



FIGURA 32 – QB|Studios - Implantação
FONTE: GOOGLE MAPS ADAPTADO



FIGURA 33 – QB|Studios - Fachada
FONTE: QB STUDIOS

Apesar de estar próximo a uma zona residencial, seu entorno imediato é de comércio e serviços, organizados principalmente em barracões. Assim, o *coworking* se relaciona formalmente com seu entorno.

A necessidade de criação deste espaço surgiu após um terremoto em 2011, que destruiu parte do distrito de negócios da cidade, deixando sem local de trabalho principalmente pequenas e médias empresas.

Os Qb|Studios abrigam trabalhadores em pequenos grupos e autônomos, conformando um centro de escritórios interativos que variam de 10 m² até 100 m². O Qb|Studio Addington conta com onze salas privativas – de 36 m² a 90 m² – distribuídas em dois pavimentos. Nestas salas trabalham arquitetos, empresas de tecnologia e até mesmo construtores imobiliários. Algumas salas são grandes caixas iluminadas e envidraças, que viram painel de exposição para os artistas emergentes e estabelecidos.

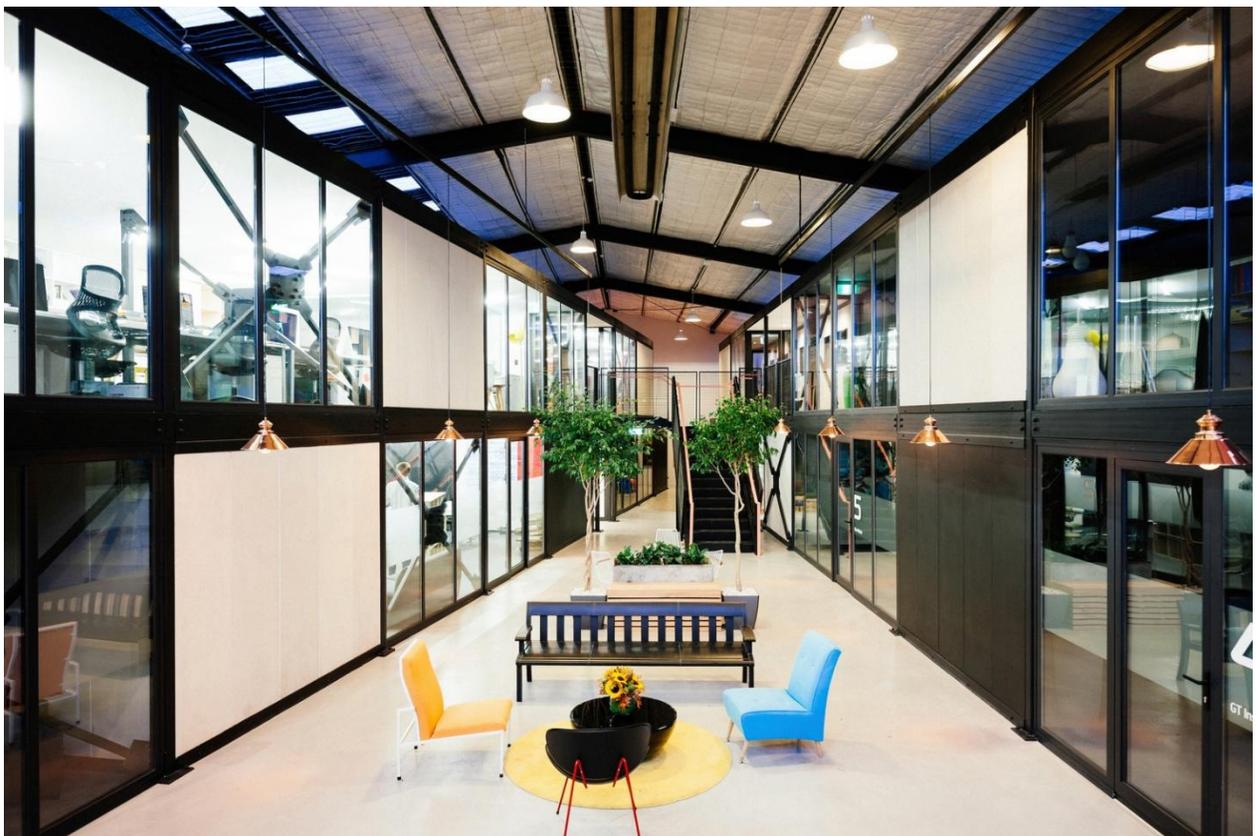
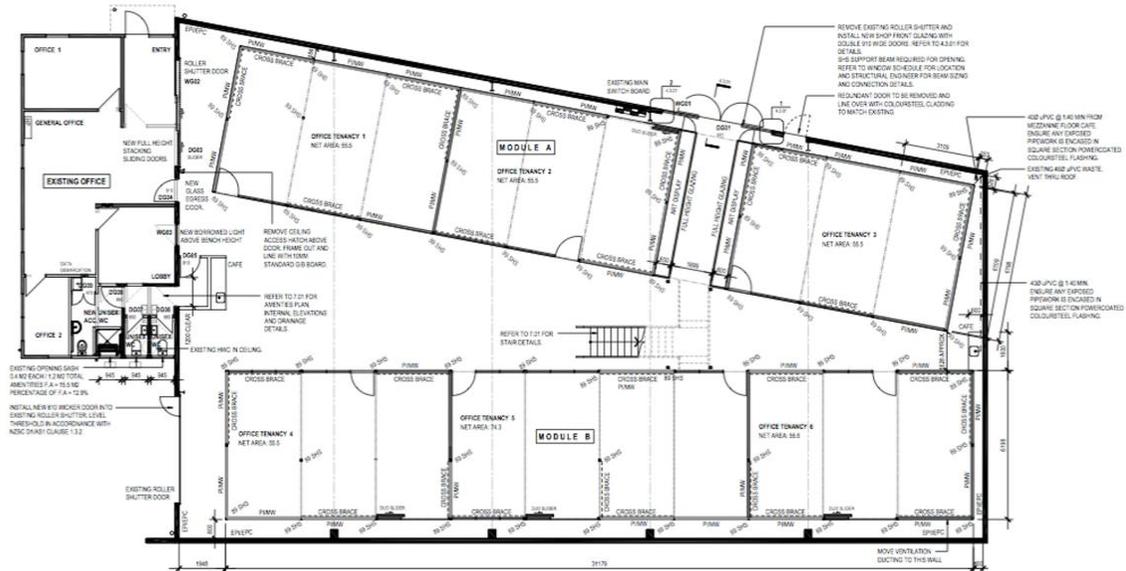


FIGURA 34 – Qb|Studios - Interior
FONTE: QB STUDIOS

A planta foi desenhada para que houvesse interação e colaboração, seja entre membros ou também com visitantes, com espaços para encontros espontâneos. Estas salas conformam um pátio interno onde é a área principal de convívio e *coworking* dos membros. É um espaço de relaxamento, reunião com clientes, e encontros.



PROPOSED GROUND FLOOR PLAN
SCALE: 1:150 @ A2
GROUND SFA: (INC. OFFICE) 720 M2



PROPOSED MEZZANINE FLOOR PLAN
SCALE: 1:150 @ A2
MEZZANINE SFA: (INC. LANDINGS) 2873 M2 - 38.9% (INCLUDING ROOF AREAS)

FIGURA 35 – QB|Studios – Plantas baixas dos dois níveis
FONTE: QB STUDIOS

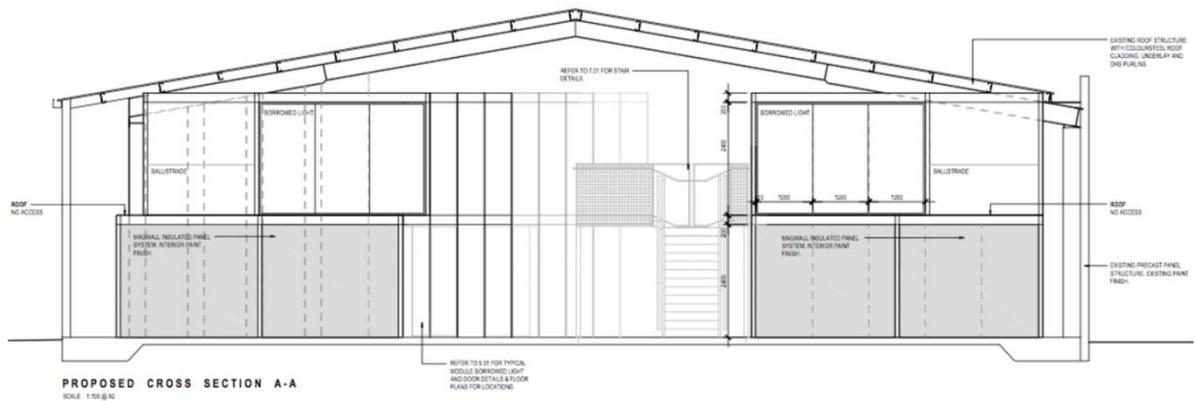


FIGURA 35 – QB|Studios – Corte transversal
 FONTE: QB STUDIOS

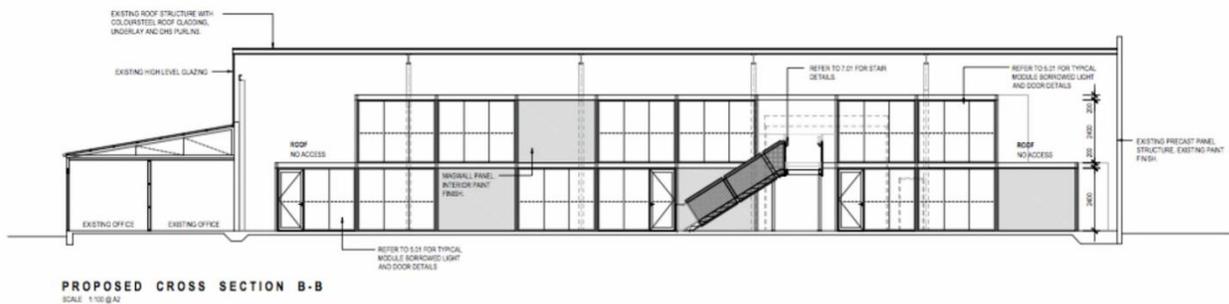


FIGURA 36 – QB|Studios – Corte longitudinal
 FONTE: QB STUDIOS

Este pátio também funciona como galeria. Aberta além do horário comercial, é palco de exposições de arte, *workshops* e eventos em geral. Segundo o co-fundador da Qb|Modular Michael Fischer: “A circulação da nova produção artística traz uma verdadeira inovação ao espaço através das obras em si, mas também por ampliar a quantidade de pessoas que passam pelo lugar”. O espaço também conta com duas cozinhas compartilhadas, um mezanino com área de convívio e um café aberto ao público. Ao todo são 960 m², e destes, pelo menos 235 m² são de uso geral.



FIGURA 37 – QB|Studios – Espaço de eventos
FONTE: QB STUDIOS

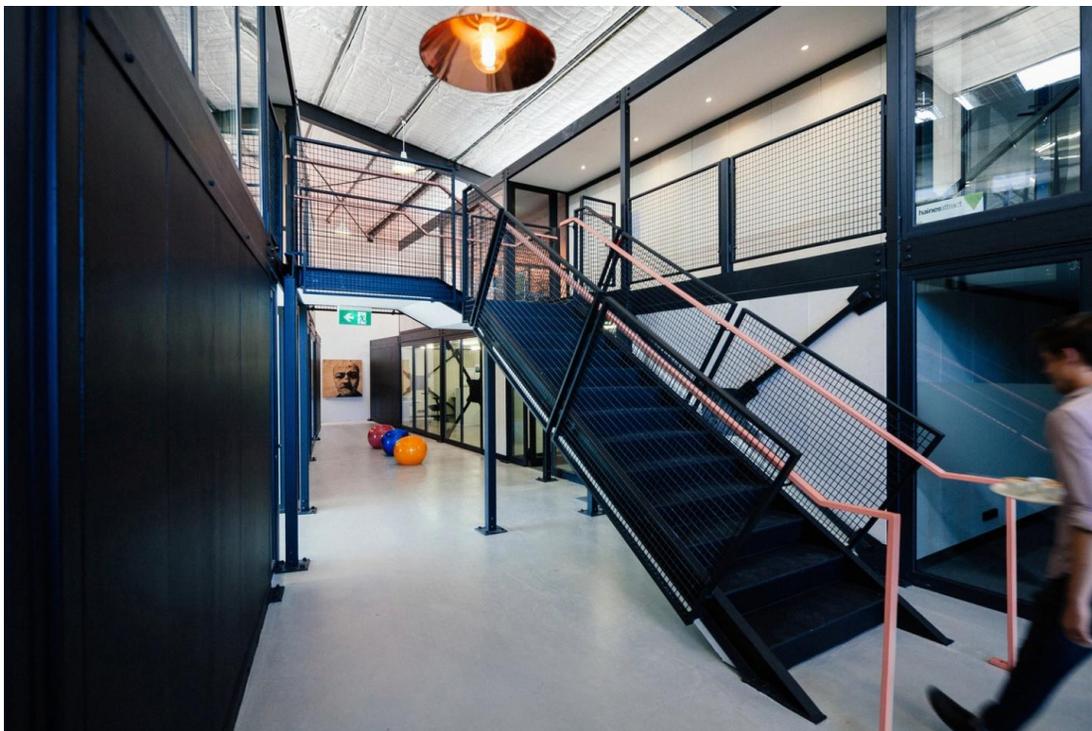


FIGURA 38 – QB|Studios – Acesso ao mezanino
FONTE: QB STUDIOS



FIGURA 39 – QB|Studios – Cozinha compartilhada
FONTE: QB STUDIOS



FIGURA 40 – QB|Studios – Galeria de arte em meio à circulação
FONTE: QB STUDIOS



FIGURA 41 – QB|Studios – Sala privativa
FONTE: QB STUDIOS

O uso do sistema modular permitiu que a obra durasse apenas três meses. O projeto uniu materiais como aço, vidro e concreto, dando um aspecto industrial, que uniu a simplicidade da construção com uma estética atemporal. Toques de cor foram dados ao ambiente com o mobiliário, que contou com peças novas e restauradas.

Respeitando o valor de sustentabilidade do *coworking*, o escritório optou por utilizar materiais locais, como a madeira do forro, que é nativa da Nova Zelândia.

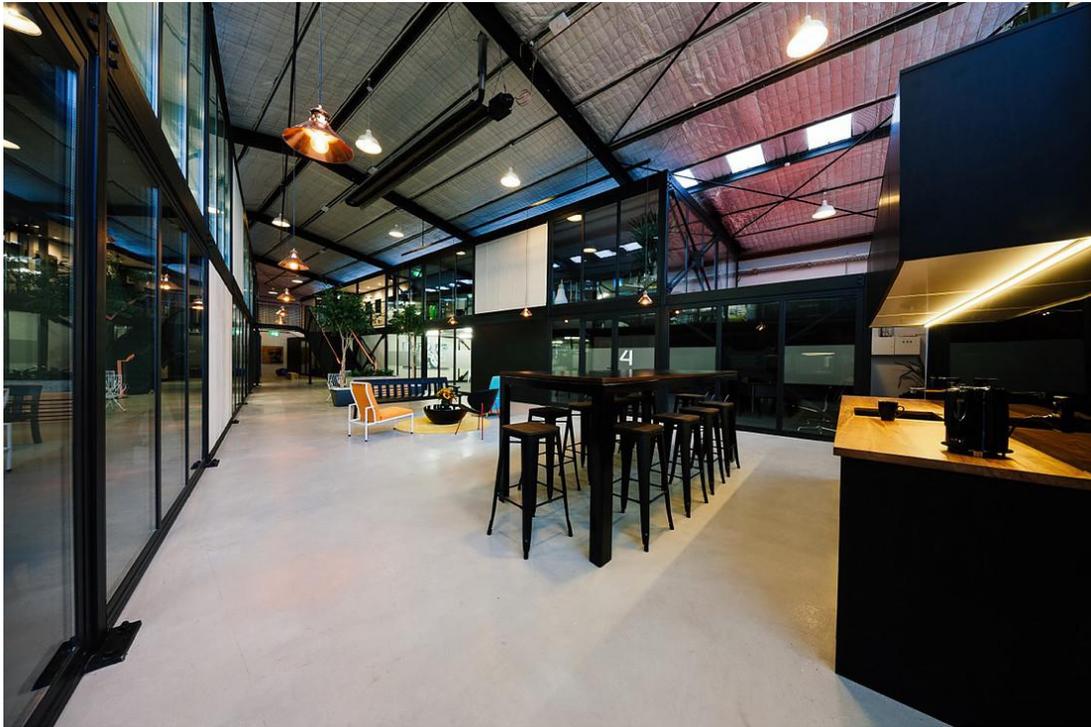


FIGURA 42 – QB|Studios – Espaço comum
FONTE: QB STUDIOS

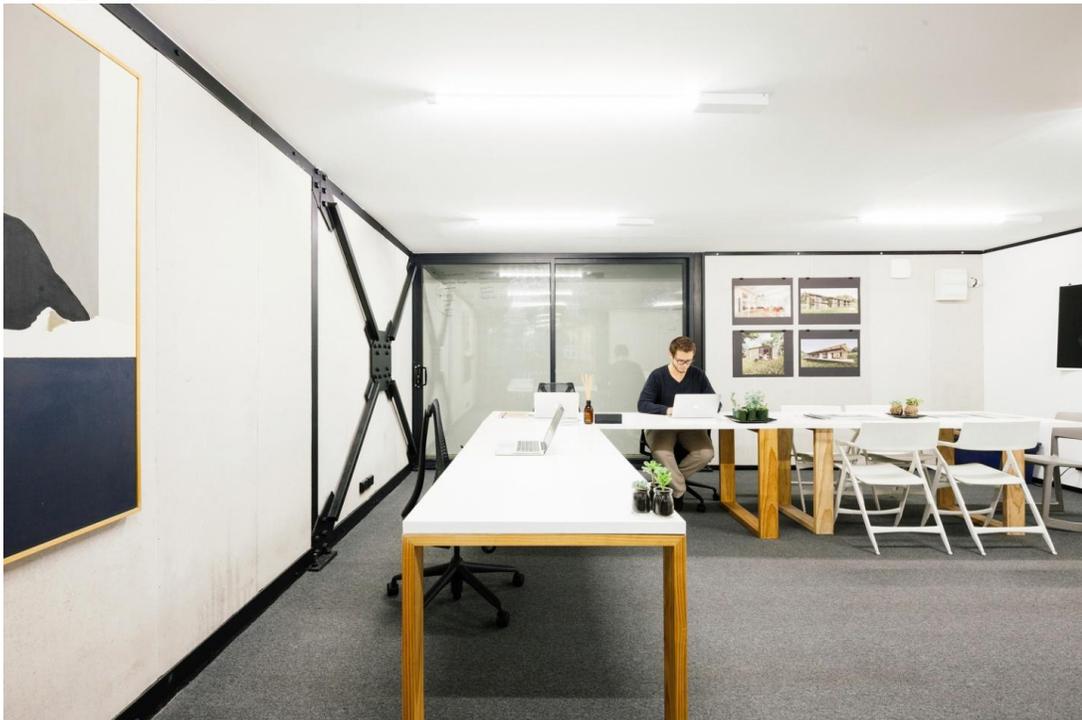


FIGURA 43 – QB|Studios – Sala privativa
FONTE: QB STUDIOS

5 ANÁLISE DA REALIDADE

O Google apresenta uma ferramenta que monitora a busca por termos, a fim de gerar dados de onde e quando a procura é maior. Em 2005 a procura pelo termo “coworking” era nula, mas a partir de 2007 essa procura começou a aumentar rapidamente.

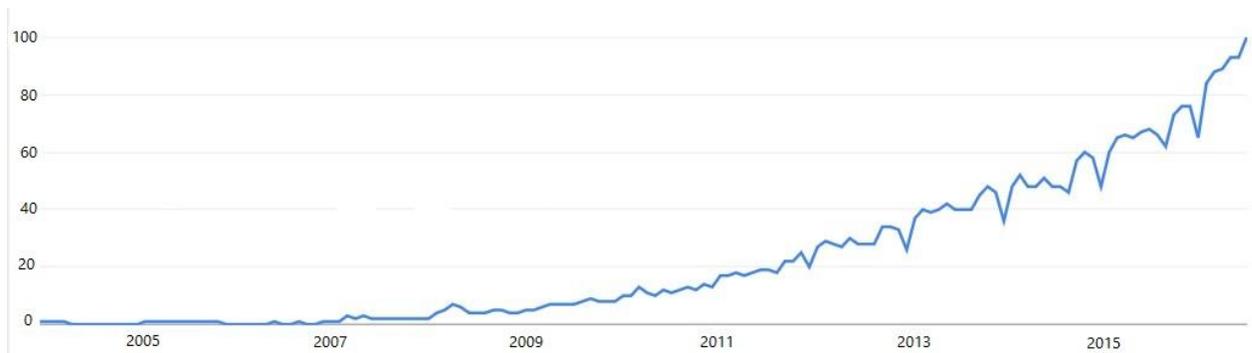


FIGURA 44 – Gráfico com aumento da procura pelo termo “coworking” no mundo
FONTE: GOOGLE ANALYTICS

Em 2012 foram publicados alguns resultados de análise da busca por *coworking* e o que chamou atenção – mais até do que o Brasil entre os primeiros países na quantidade de busca – foi que Curitiba apareceu como uma das cidades brasileiras com maior busca pelo termo. Isso não significa que a cidade possua o maior número de espaços de *coworking*, mas que seus habitantes estão se interessando e buscando mais informações sobre eles do que normalmente acontecia.

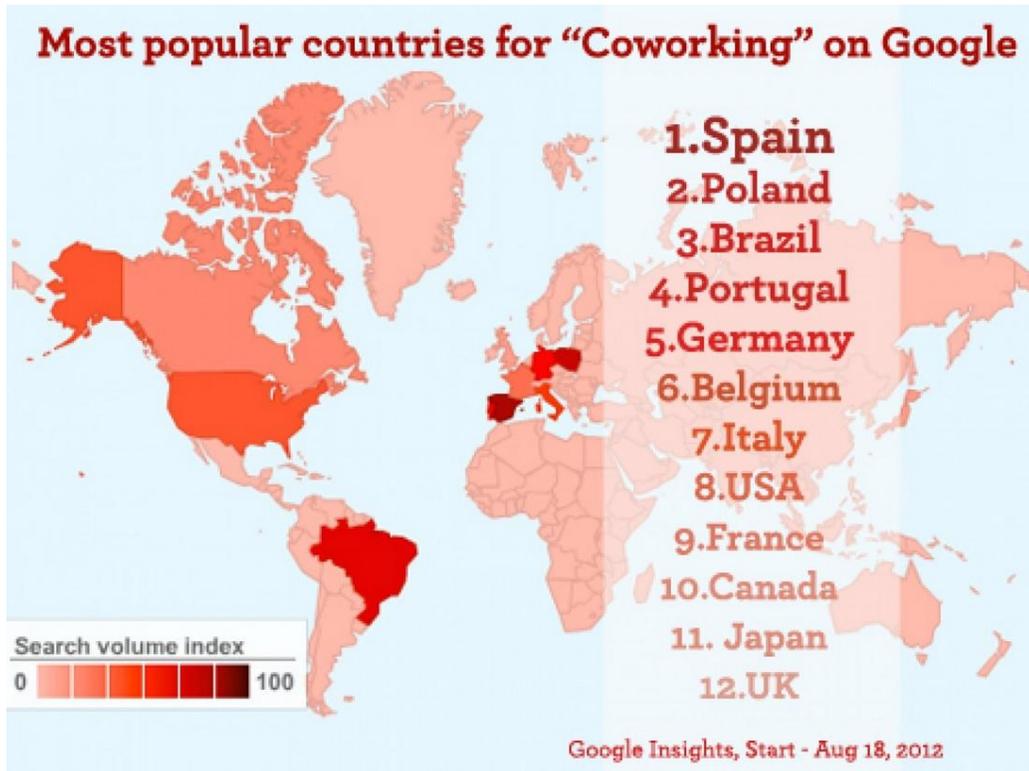


FIGURA 45 – Infográfico com aumento da procura pelo termo “coworking” por país
FONTE: DESKMAG



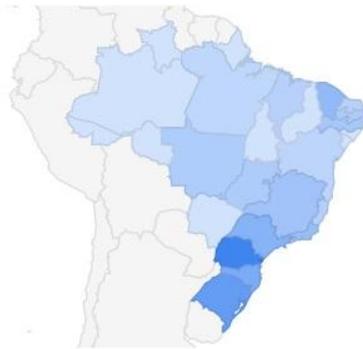
FIGURA 46 – Infográfico com aumento da procura pelo termo “coworking” por cidade
FONTE: DESKMAG

Já em 2016, estes resultados reforçam a ideia de que os espaços de *coworking* estão cada vez mais populares no país. Desta vez, o Brasil apareceu em segundo lugar na busca por *coworking*, juntamente com a Itália. Curitiba, por sua vez, foi líder no país e terceiro lugar mundial. Os números mostrados não estão em valor absoluto, apenas foi dada uma escala de 0 a 100 para representar a quantidade de buscas pelo termo.



Espanha	100	<div style="width: 100%;"></div>
Itália	56	<div style="width: 56%;"></div>
Brasil	56	<div style="width: 56%;"></div>
República Tcheca	47	<div style="width: 47%;"></div>
França	44	<div style="width: 44%;"></div>
Portugal	43	<div style="width: 43%;"></div>
Bélgica	41	<div style="width: 41%;"></div>

FIGURA 47 – Infográfico escalonado com a procura pelo termo “coworking” por país
FONTE: GOOGLE ANALYTICS



Paraná	100	<div style="width: 100%;"></div>
Rio Grande do Sul	74	<div style="width: 74%;"></div>
Santa Catarina	58	<div style="width: 58%;"></div>
São Paulo	51	<div style="width: 51%;"></div>
Ceará	43	<div style="width: 43%;"></div>
Distrito Federal	39	<div style="width: 39%;"></div>
Rio de Janeiro	38	<div style="width: 38%;"></div>

FIGURA 48 – Infográfico escalonado com a procura pelo termo “coworking” por estado
FONTE: GOOGLE ANALYTICS



Barcelona	100	<div style="width: 100%;"></div>
Valência	67	<div style="width: 67%;"></div>
Curitiba	60	<div style="width: 60%;"></div>
Sevilha	51	<div style="width: 51%;"></div>
Austin	49	<div style="width: 49%;"></div>
Turim	49	<div style="width: 49%;"></div>
Berlim	47	<div style="width: 47%;"></div>

FIGURA 49 – Infográfico escalonado com a procura pelo termo “coworking” por cidade
FONTE: GOOGLE ANALYTICS

Uma pesquisa realizada pelo site Movebla, em parceria com a Coworking Brasil, buscou entender e analisar o mercado de *coworking* no Brasil, mapeando os espaços a cada ano.

Os resultados de 2016 mostram que, no Brasil, houve um aumento de mais de 50% no número de *coworkings* em relação ao ano anterior. Em Curitiba, esse aumento foi percentualmente muito mais significativo: 150%.

Nesta pesquisa, 173 espaços de *coworking* responderam um questionário. Neles, há em média 57 *coworkers*. Cerca de 30% funcionam 24 horas por dia. Mais de 90% organizam eventos no local, e 26% aceitam animais de estimação no seu espaço.

Os resultados mostram também que há grande diversidade de atividades exercidas pelos membros. A maior parte (65%) trabalha com consultoria, metade com publicidade e design, e somente 10% com moda, contabilidade e terceiro setor.



FIGURA 50 – Infográfico com a quantidade de *coworkings* por estado brasileiro
 FONTE: MOVEBLA



FIGURA 51 – Infográfico com a quantidade de *coworkings* nas cidades com maior número de espaços
 FONTE: MOVEBLA

PERFIL DOS COWORKERS
Principais áreas de atuação das
pessoas que frequentam o espaço

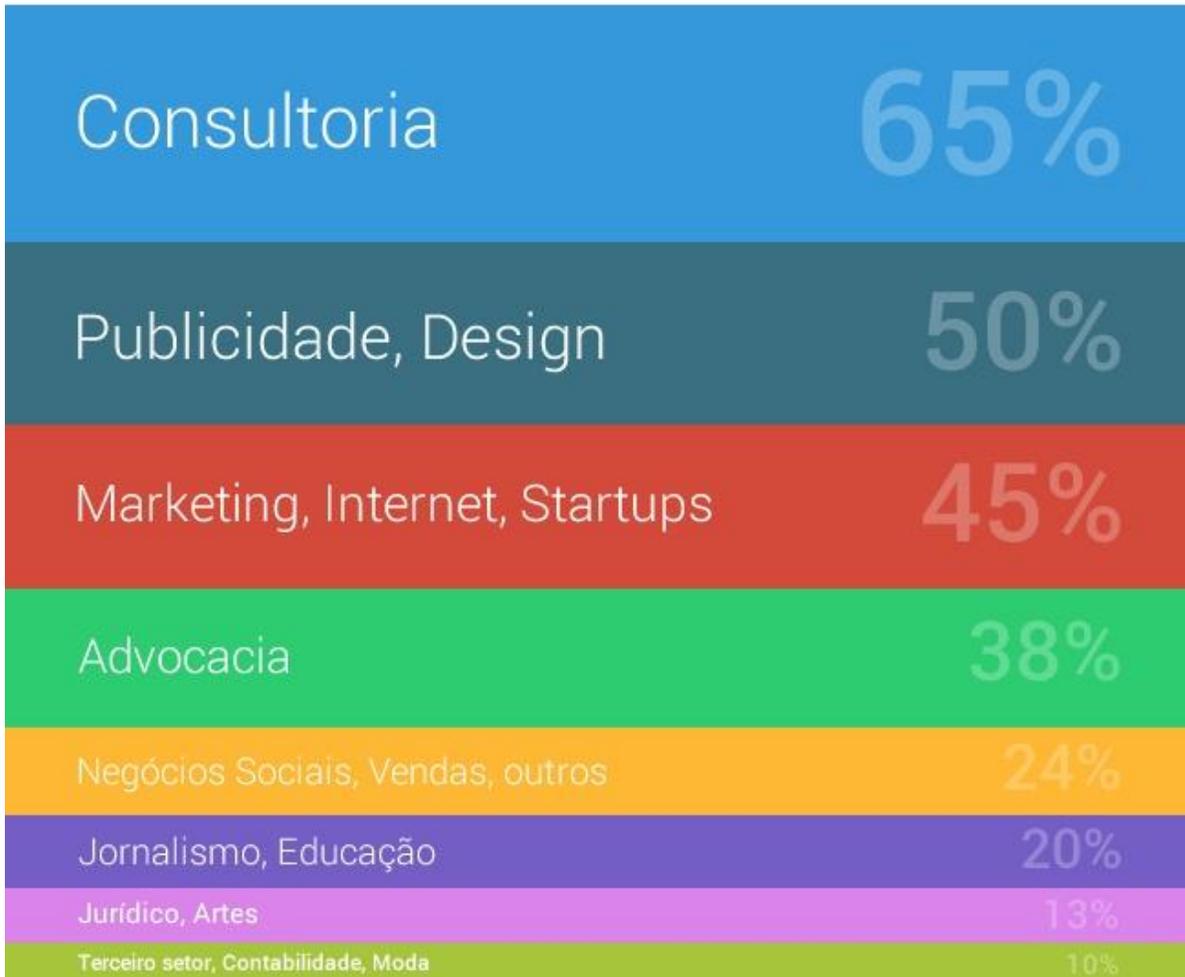


FIGURA 52 – Infográfico com as principais áreas de atuação dos *coworkers*
FONTE: MOVEBLA

5.1 ESPAÇOS DE COWORKING EM CURITIBA

Como foi mostrado na pesquisa do Movebla, até o término da pesquisa de 2016 foram localizados 20 espaços de *coworking* na cidade de Curitiba, sendo que o primeiro foi inaugurado em 2010. Apesar de quase todos se encontrarem numa porção da cidade mais central e ao norte, estão distribuídos em 14 bairros diferentes, sendo que nenhum deles contém mais que dois espaços (FIGURA 53).



FIGURA 53 – Mapa de localização dos *coworkings* existentes em Curitiba
 FONTE: IPPUC ADAPTADO

Apesar de ser um número alto de *coworkings* – São Paulo possui 1 *coworking* para cada 75 mil habitantes enquanto Curitiba possui 1 para cada 100 mil – alguns destes espaços se limitam a um ramo de atividade específica. É o caso do Plano Forte Coworking, que atende somente profissionais da área de arquitetura e construção civil. Outros, são escritórios de uma empresa que abrem um espaço dentro de sua sede para um ambiente colaborativo. O ToWork Coworking é um exemplo. Funcionava apenas como escritório de advocacia, mas recentemente começou a disponibilizar sua infraestrutura para profissionais de outras áreas trabalharem, criando dentro do escritório um espaço de *coworking*.

Como os espaços de *coworking* formam uma comunidade entre seus membros, eles atendem nichos de mercado diferentes. Mesmo seguindo o mesmo conceito de *coworking*, cada comunidade tem suas especificidades e acaba atraindo pessoas com os mesmo objetivos e valores.

5.2 IMPACT HUB - CURITIBA

Desde 2012 a rede internacional IMPACT HUB conta com uma unidade em Curitiba. Inicialmente localizado no Centro da cidade, num espaço de 430 m². Cresceu rapidamente nos últimos anos e teve que se mudar para um local maior. Hoje está situado na Rua Fernando Amaro, nº 60, no Alto da XV.

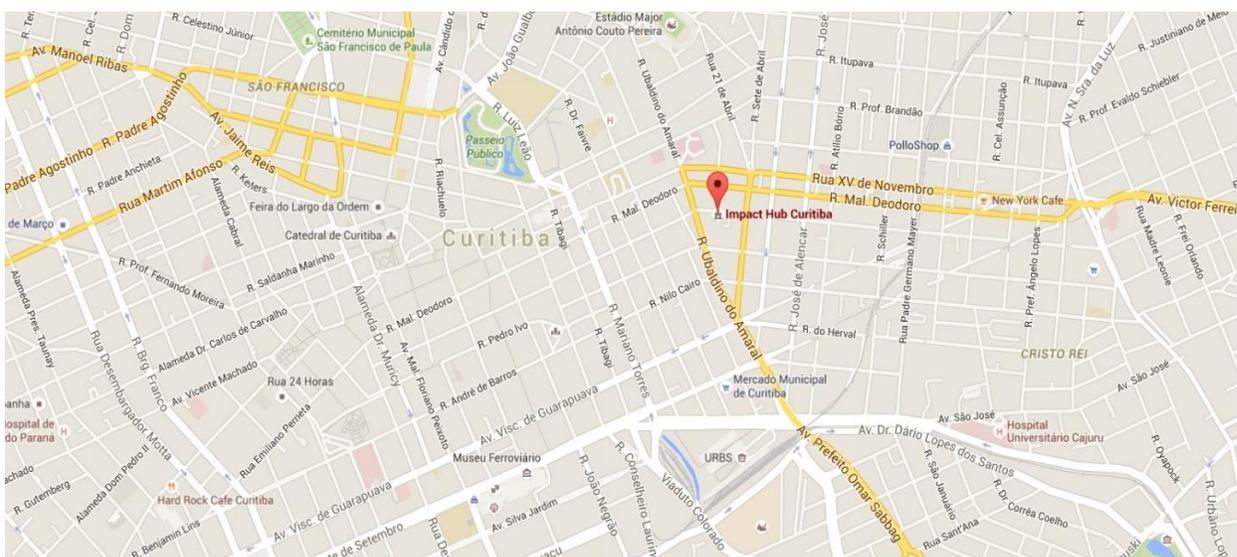


FIGURA 54 – Mapa de localização do HUB Curitiba
 FONTE: GOOGLE MAPS

O HUB Curitiba tem como conceito a transformação de ideias em oportunidades e , para isso, seu espaço é estimulante e incentiva a colaboração entre seus membros. O espaço conta com salas de reuniões para até oito pessoas, salas de treinamento para até 40 pessoas, um auditório com 100 lugares, além do que eles chamam de espaços alternativos: o espaço coletivo de trabalho, áreas de relaxamento e cozinha compartilhada. Disponibiliza mesas de uso fixo ou rotativo, em tempo integral ou esporádico, durante o horário comercial.

Quase nada do mobiliário é fixo, o que permite que o espaço seja adequado conforme a necessidade. Ele também reflete a preocupação com a sustentabilidade, um dos valores do *coworking*, uma vez que *pallets* usados foram utilizados para fazer mesas, cadeiras, estantes e apoios.

LAYOUT

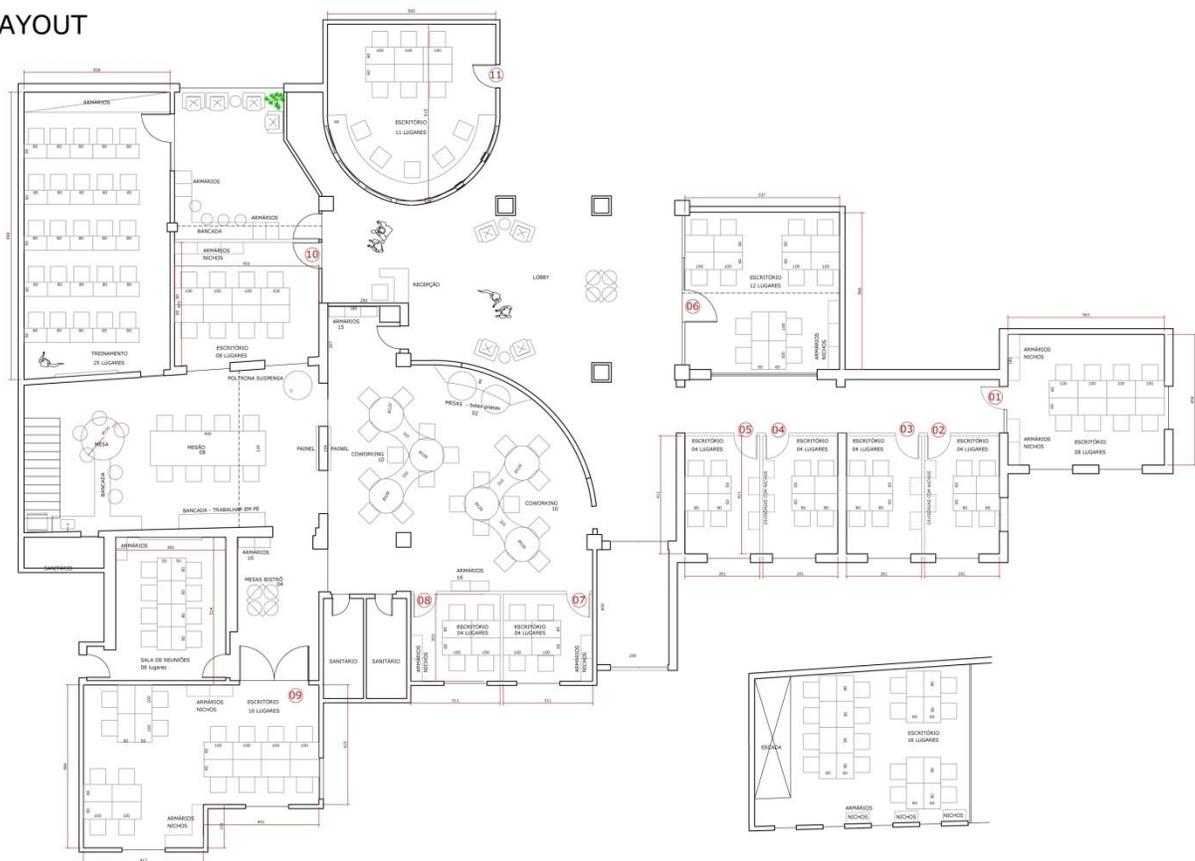


FIGURA 55 – HUB Curitiba – Planta baixa
 FONTE: HUB CURITIBA



FIGURA 56 – HUB Curitiba – Espaço coletivo
FONTE: HUB CURITIBA



FIGURA 57 – HUB Curitiba – Auditório
FONTE: HUB CURITIBA



FIGURA 58 – HUB Curitiba – Sala de reuniões
FONTE: HUB CURITIBA

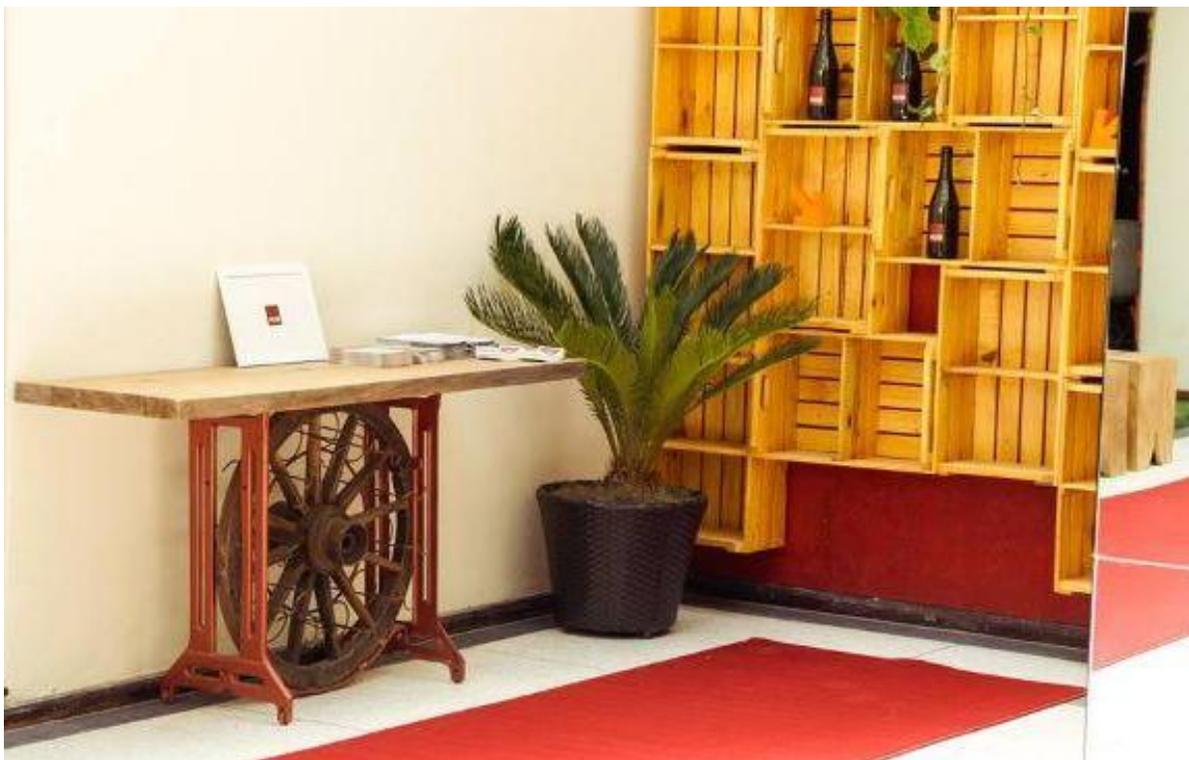


FIGURA 59 – HUB Curitiba – Mobiliário feito com materiais reaproveitados
FONTE: HUB CURITIBA



FIGURA 61 – NEX Curitiba – Fachada
FONTE: IZAZILLI



FIGURA 62 – NEX Curitiba – Proprietários do espaço no local antes da reforma
FONTE: IZAZILLI

Com 1700 m² distribuídos em três pavimentos, o Nex conta com uma área coletiva de trabalho com 74 posições fixas, 41 estúdios para pequenas empresas de duas a dez pessoas, 6 salas de reuniões de três a doze pessoas e um auditório para até 50 pessoas com layout flexível. Além disso, o ambiente coletivo conta com cabines para uso de telefone, uma pequena copa e vestiários. Nos fundos do edifício encontra-se a área de lazer e relaxamento. Com uma cozinha compartilhada, lounge com televisão e mesa de bilhar, é este espaço que dá acesso à área externa, onde o deck de madeira vira palco de eventos mensais e reuniões informais.



FIGURA 63 – NEX Curitiba – Espaço coletivo
FONTE: NEX



FIGURA 64 – NEX Curitiba – Espaço coletivo
FONTE: NEX



FIGURA 65 – NEX Curitiba – Espaço coletivo
FONTE: NEX



FIGURA 66 – NEX Curitiba – Auditório/Espaço de eventos
FONTE: NEX



FIGURA 67 – NEX Curitiba – Auditório/Espaço de eventos
 FONTE: NEX

O conceito do Nex é a conexão entre os membros, por isso os espaços de encontro foram valorizados e o ambiente coletivo de trabalho fica no centro do edifício. Além disso, as divisórias internas são de vidro, dando privacidade mas permitindo a permeabilidade visual. Assim como o HUB Curitiba, disponibiliza estações de trabalho fixas ou não, mas, para seus membros, funciona 24 horas por dia, todos os dias da semana.

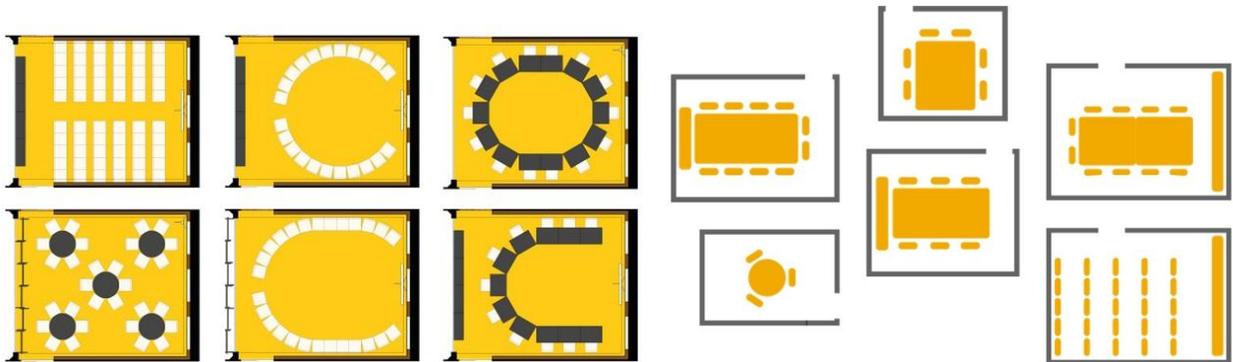


FIGURA 68 – NEX Curitiba – Possíveis layouts das salas de reunião
 FONTE: NEX



FIGURA 69 – NEX Curitiba – Cozinha compartilhada e área de lazer
FONTE: NEX

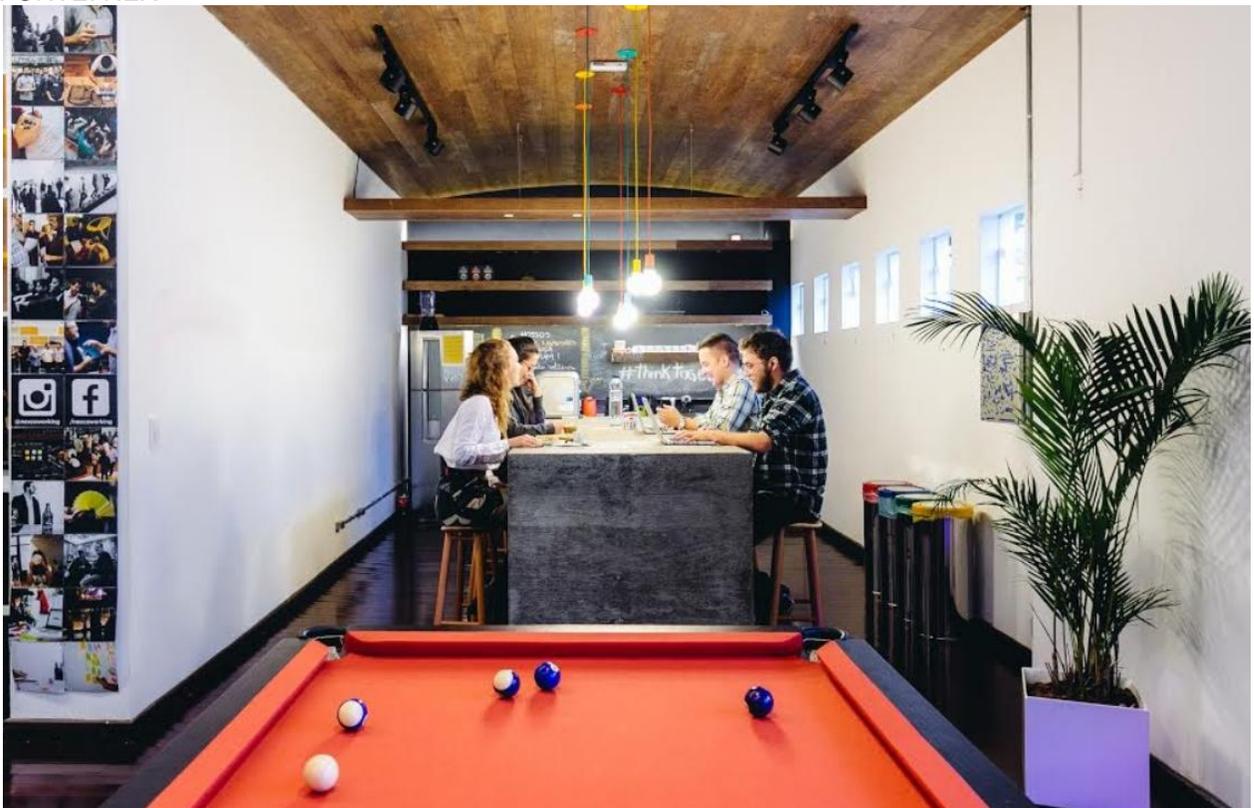


FIGURA 70 – NEX Curitiba – Cozinha compartilhada e área de lazer
FONTE: NEX



FIGURA 71 – NEX Curitiba – Área externa
FONTE: NEX



FIGURA 72 – NEX Curitiba – Área externa
FONTE: NEX

6 DIRETRIZES DE PROJETO

Com base na fundamentação teórica dos primeiros capítulos deste trabalho, nos estudos de caso e na análise da realidade, foi possível estabelecer diretrizes projetuais para a próxima fase do Trabalho Final de Graduação: o projeto de um espaço de *coworking* em Curitiba. Essas diretrizes envolvem desde a escolha do terreno para implantação do projeto até possíveis partidos arquitetônico e serão mostradas neste capítulo.

6.1 ESCOLHA DO TERRENO

A escolha do terreno para implantação do projeto foi baseada em três fatores principais:

- Localização em relação à cidade
- Consolidação do entorno
- Tamanho do lote

A proximidade com a região central da cidade de Curitiba facilita o acesso ao espaço de *coworking*. Porém, a intenção não era de escolher um terreno no Centro, pois o caos e trânsito são fatores que poderiam atrapalhar, além de que é interessante para o projeto um equilíbrio entre zona comercial e zona residencial.

De acordo com o que foi visto no subcapítulo 3.5, a consolidação do entorno – presença de restaurantes, cafés, praças, farmácias e supermercados próximos – é decisiva na hora da escolha do espaço de *coworking* para trabalho. Ter comércio e serviços próximo ao local faz diferença principalmente para os membros que utilizarão o espaço de *coworking* o dia todo e por vários dias da semana. Além de que faz com que o espaço esteja de acordo com o valor de sustentabilidade do *coworking*, uma vez que estando próximo, os deslocamentos podem ser feitos a pé, sem a necessidade do uso de carros ou transporte público.

A busca por um lote de porte médio, entre 500 m² e 1000 m², está relacionada ao fato do tamanho que o espaço de *coworking* poderia ter. Não era desejado que o lote possuísse muita área porque o coeficiente de aproveitamento não seria bem explorado, e, sendo um espaço comercial, deve gerar lucro. No entanto, um lote muito pequeno

poderia acarretar em duas situações negativas. A primeira seria de ter que ser construído um edifício de mais de três pavimentos para atender o programa, o que segregaria o espaço. A segunda situação ruim é de que o espaço interno ficasse pouco flexível, forçando um acúmulo de espaços de trabalhos e poucos espaços livres.

Portanto, tendo em vista estes três fatores, o terreno escolhido está localizado no meio de quadra da Alameda Presidente Taunay, nº 563, no bairro Bigorrião. Nota-se a proximidade com os bairros Batel e Centro e com a praça Espanha, além da grande quantidade de comércio e serviços, principalmente na área de alimentação.

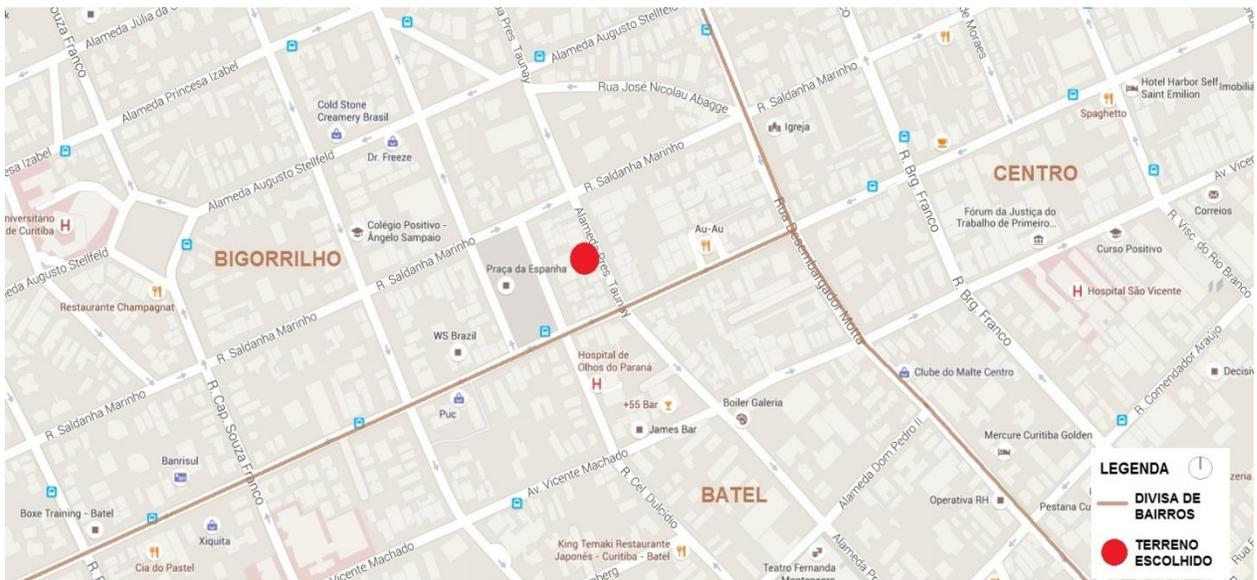


FIGURA 73 – Mapa de situação do local escolhido para o projeto
 FONTE: GOOGLE MAPS ADAPTADO



FIGURA 74 – Mapa de situação do local escolhido para o projeto
 FONTE: GOOGLE MAPS ADAPTADO



FIGURA 75 – Vista da testada do terreno
FONTE: A autora



FIGURA 76 – Vista do terreno a partir do ponto mais baixo
FONTE: A autora



FIGURA 77 – Vista do terreno a partir do ponto mais alto
FONTE: A autora



FIGURA 78 – Vista da testada do terreno
FONTE: A autora

O terreno é uma união de três lotes, formando praticamente um quadrado de dimensões 30x30 metros, e hoje é utilizado como estacionamento. Está localizado numa ZR-4 (Zona Residencial 4), sendo assim, permite o uso para comércio e serviço vicinal e de bairro. Os parâmetros de construção para este terreno são:

- Coeficiente de aproveitamento: 2
- Taxa de ocupação: 50%
- Taxa de permeabilidade: 25%
- Altura máxima (para comércio e serviço): 2 pavimentos
- Recuo frontal obrigatório: 5 metros
- Afastamento das divisas (até dois pavimentos): facultativo
- Estacionamento: obedecer o contido no decreto 1021/2013

Segundo decretos complementares, para lotes com altura máxima permitida de até dois pavimentos, a altura máxima admitida é de 10 metros, sendo que o térreo pode ter pé-direito máximo de 6 metros. O térreo pode ainda conter mezanino, desde que não ultrapasse 50% da área do compartimento em que está inserido. Por fim, são tolerados pequenos volumes, como o da caixa d'água, que ultrapassem os 10 metros de altura desde que afastados das divisas.

6.2 DIRETRIZES PROJETUAIS E PRÉ-PROGRAMA

A escolha de criar um espaço de *coworking* desde seu princípio, com concepção arquitetônica própria para ele, e não adaptar um edifício existente – como acontece normalmente – foi para obter um espaço apropriado para este uso, uma vez que um edifício existente possui limitantes, diminuindo a liberdade de concepção espacial.

Com base nos valores de *coworking* vistos previamente e nas possibilidades e condicionantes do terreno escolhido, foram estabelecidas algumas diretrizes que devem guiar o projeto do espaço de *coworking*:

- Implantar o edifício de forma a aproveitar a insolação, diminuindo a necessidade de iluminação artificial;

- Facilitar o acesso ao edifício, criando uma relação com a rua que seja convidativa;
- Criar espaços que incentivem o encontro entre os usuários, favorecendo o convívio;
- Dividir o espaço em graus de privacidade, cumprindo o objetivo do *coworking* sem que haja sentimento de intromissão;
- Favorecer eventos de troca de conhecimento, aproximando os usuários;
- Gerar fluidez espacial, não segregando os ambientes;
- Utilizar técnicas para um edifício mais sustentável, afirmando o valor de sustentabilidade do *coworking*;
- Estimular o uso de modais alternativos, porém dando suporte a todos os meios de transporte;
- Reduzir o desperdício de material durante a obra, utilizando a pré-fabricação e a modulação;
- Articular o espaço interno com o externo, não enclausurando o ambiente;
- Unir o uso de mobiliário desenhado para o local e de peças de design de boa qualidade, que possam ser facilmente movidos e armazenados, possibilitando diferentes conformações do espaço;
- Levar ao ambiente referências de casa (lar), causando um espaço mais confortável e descontraído;
- Produzir um espaço que seja estimulante, possibilitando aos usuários intervir no espaço de forma a customizá-lo.

O programa proposto para o espaço de *coworking* não foge do que foi visto nos estudos de caso. Como o foco é o espaço coletivo, tanto de trabalho quanto de descontração – e não se limitará a um nicho de mercado específico – pretende-se atender em média 50 pessoas que trabalhem individualmente e em torno de 15 a 20 pequenos grupos. Sendo assim, o programa inclui:

- Espaço coletivo de trabalho com estações individuais (*coworking*);
- Estúdios privativos para pequenos grupos;

- Salas de reunião;
- Auditório com layout flexível;
- Estações de trabalho criativas;
- Copa compartilhada;
- Vestiários e/ou banheiros;
- Recepção e administração;
- Espaços de descanso e ócio criativo;
- Áreas externas que possibilitem tanto o trabalho quanto o descanso e lazer;
- Cafeteria e/ou restaurante aberto ao público;
- Estacionamento para carros e bicicletário.

Este é um pré-programa que será organizado num espaço de aproximadamente 900 m², pois é o que a legislação permite. Desta forma, baseado em Meel, Martens e Ree (2012), acredita-se que um terço do espaço será dedicado ao espaço coletivo (6m²/pessoa), um terço aos estúdios privativos, e o restante as áreas comuns em geral.



FIGURA 79 – Organograma proposto
 FONTE: A autora

6.3 POSSÍVEIS PARTIDOS

Com as diretrizes e pré-programa estabelecidos, foi possível testar alguns partidos arquitetônicos que podem guiar a próxima fase do Trabalho Final de Graduação. Surgiram quatro opções – que serão mostradas a seguir – que, em primeiro lugar, foram resposta aos parâmetros de construção para o terreno.

Para um terreno de 900 m² (30 m x 30 m), coeficiente de aproveitamento 2, taxa de ocupação 50% e máximo de pavimentos igual a 2, foi criado um módulo estrutural de 6m x 7,5m. Este módulo, além de ser econômico no quesito estrutural, se encaixa nas dimensões do terreno e produz uma área de 45 m², podendo ser repetido até 10 vezes a cada pavimento, totalizando 900 m² construídos e ocupando metade do terreno.

Com a possibilidade de se ter mezaninos e altura máxima igual a 10 metros, foi possível criar volumes com diferentes alturas, articulando-os de forma a gerar vazios internos ao edifício, praças de chegada e outras áreas livres nos fundos do terreno. Também surge a possibilidade de criação de terraços e pátios cobertos. Em todas as propostas foi respeitado o recuo frontal mínimo de 5 metros e considerou-se o acesso ao subsolo pela porção mais ao sul, pois possui a cota mais baixa do terreno.

6.3.1 Opção 01



FIGURA 80 – Opção 01 - Implantação
FONTE: A autora



FIGURA 81 – Opção 01 – Vista observador
FONTE: A autora

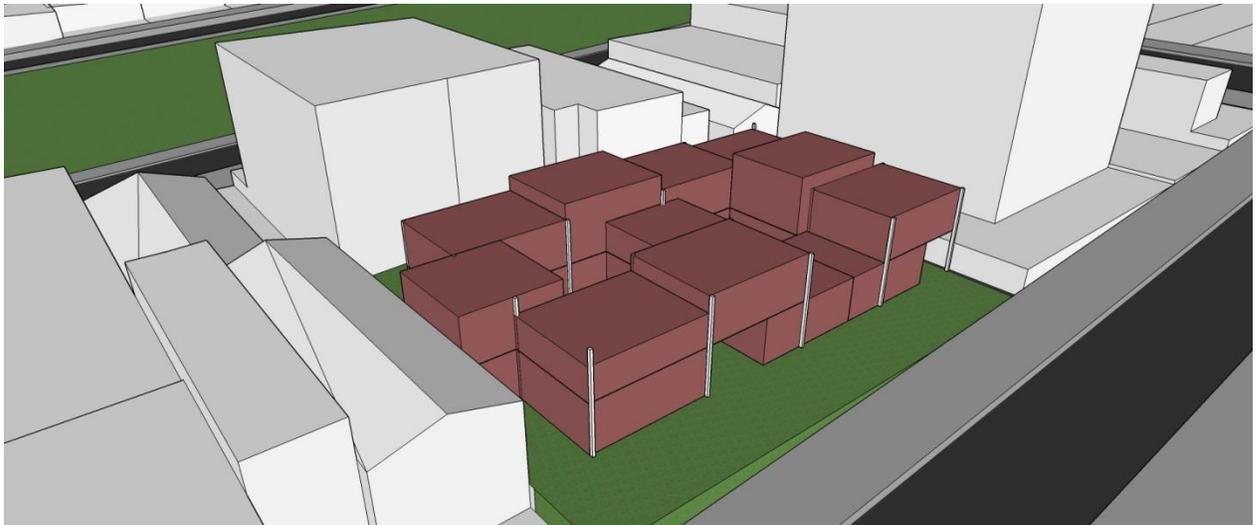


FIGURA 82 – Opção 01 – Vista aérea
FONTE: A autora

O jogo de volumes desta opção cria cheios e vazios que podem marcar a entrada do edifício e pátios. O pé-direito dos pavimentos varia deixando o espaço interno dinâmico e caracterizando o ambiente. Nesta proposta, surgem dois pátios internos descobertos, que podem ser utilizados de forma mais pública, podendo abrigar o café, e mais reservada aos membros.

6.3.2 Opção 02

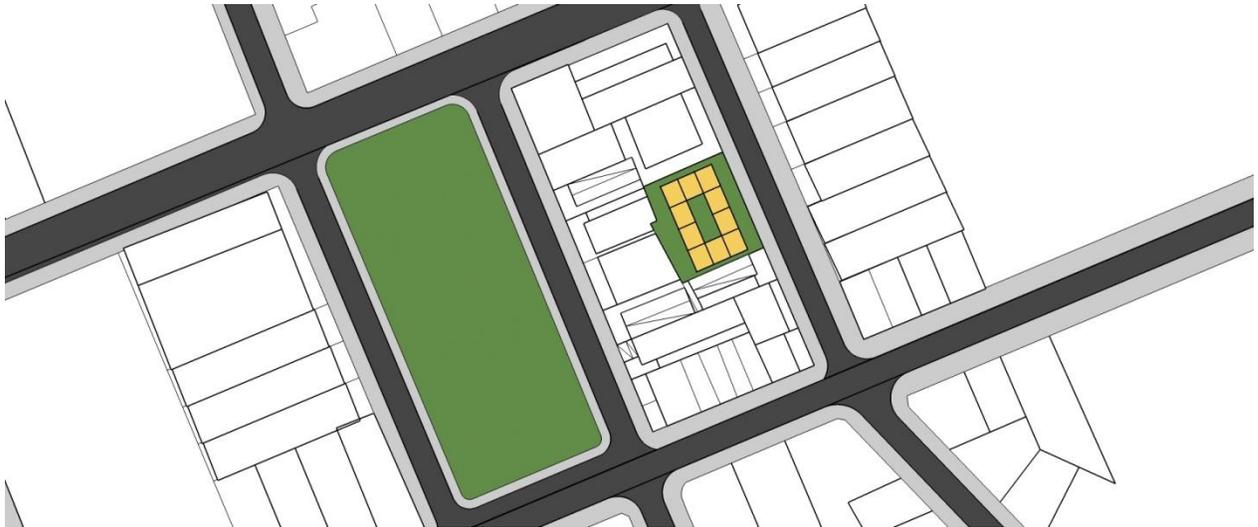


FIGURA 83 – Opção 02 - Implantação
FONTE: A autora



FIGURA 84 – Opção 02 – Vista observador
FONTE: A autora

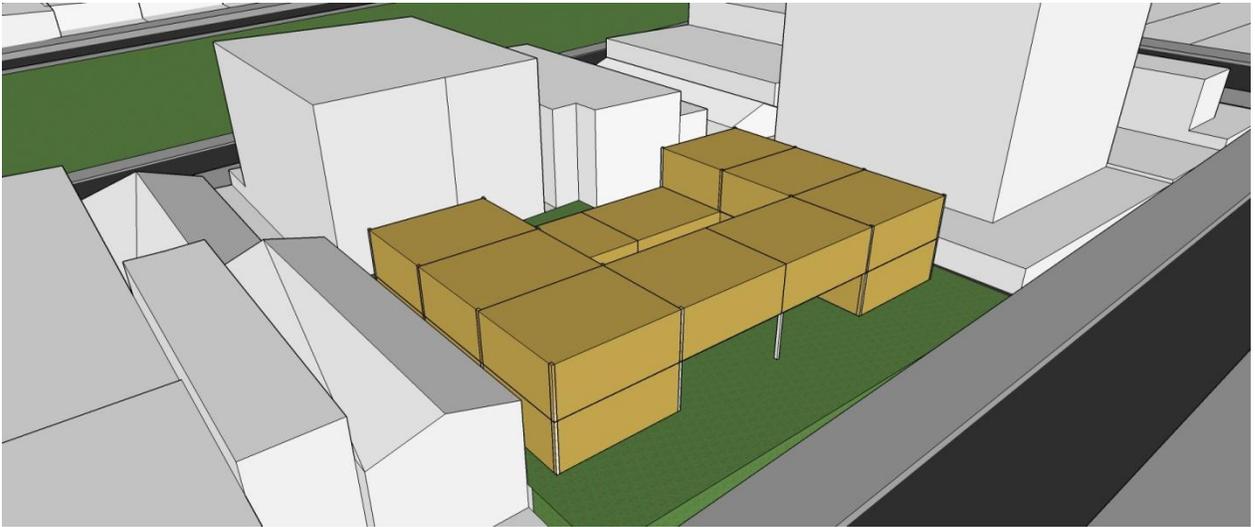


FIGURA 85 – Opção 02 – Vista aérea
FONTE: A autora

Esta segunda opção trabalha com os módulos colocados exatamente dentro da malha estrutural, deixando o interior da malha livre. Retirando alguns módulos do primeiro nível na parte da frente, integramos o pátio interno criado com o exterior do edifício, tornando-o convidativo. A exclusão de dois módulos posteriores do segundo nível cria um terraço mais íntimo para os membros.

6.3.3 Opção 03



FIGURA 86 – Opção 03 - Implantação
FONTE: A autora



FIGURA 87 – Opção 03 – Vista observador
FONTE: A autora

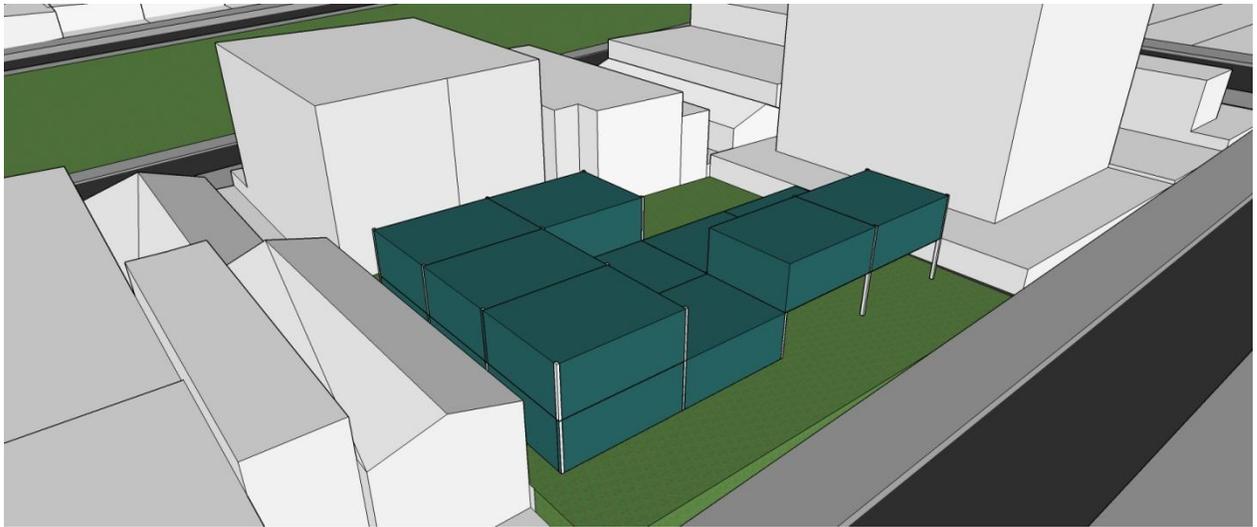


FIGURA 88 – Opção 03 – Vista aérea
FONTE: A autora

A terceira proposta libera mais espaço na parte posterior do terreno para que seja aproveitado pelos próprios membros. Mesmo assim, a exclusão de dois módulos na parte frontal cria um pátio coberto convidativo ao público. Não há permeabilidade visual para a parte interna do terreno para quem passa na rua.

6.3.4 Opção 04



FIGURA 89 – Opção 04 - Implantação
FONTE: A autora



FIGURA 90 – Opção 04 – Vista observador
FONTE: A autora

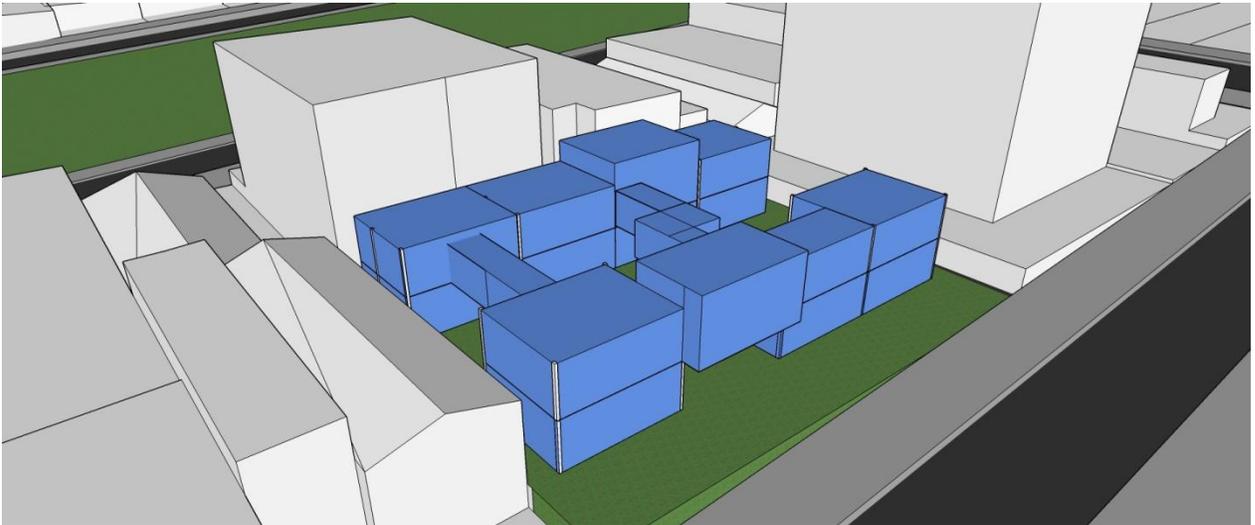


FIGURA 91 – Opção 04 – Vista aérea
FONTE: A autora

Por fim, a quarta opção trabalha com uma proposta que articula duas barras leste-oeste com passarelas que podem formar espaços de permanência em seu percurso. Também cria um jogo de volumes mais baixos e mais altos, marcando a entrada do edifício e formando terraços como espaço de convivência. Essa opção gera um grande espaço aberto no centro do terreno, mas pouca área aberta com cobertura. A disposição dos módulos pouco agrupados e em barras garante boa ventilação e iluminação dos ambientes.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRAFIA

BENEVOLO, L. *História da Arquitetura Moderna*, terceira edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976

BUDD; Christopher. *The Office: 1950 to the Present*. Nova Iorque, WorkspHERE, 2001.

DEGUZMAN, Genevieve V.; TANG, Andrew I. *Working in the “UnOffice” – A Guide to Coworking for Indie Workers, Small Businesses, and Nonprofits*. San Francisco: Nighth Owls Press, 2011.

DUFFY, Francis; POWELL, Kenneth. *The new office*. London: Coran Octopus, 1997.

FAYARD, Anne-Laure; WEEKS, John. *Who Moved My Cube? Harvard Business Review*. Jul/2011. Disponível em: <<http://hbr.org>>. Acesso em: 24 de maio de 2016.

FOERTSCH, Carsten. *The 2nd Global Coworking Survey*. Berlin: Deskmag, 2012.

HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitetura*. Trad. Carlos Eduardo Lima Machado. São Paulo: Martins Fontes, 2006

HUWART, Jean-Yves; DICHTER, Girdano; VANRIE, Philippe. *Coworking: Collaborative Space for Microentrepreneurs*. Brussels: EBN, 2012

MARMOT, Alexi F.; ELEY, Joanna. *Office Space Planning: designing for tomorrow's workplace*. New York: McGraw-Hill, 2000.

MEEL, Juriaan van. *Como planejar os espaços de escritórios: guia prático para gestores e designers*. São Paulo: G. Gili, 2013.

PILE, John; SIROTO, Edith. *Open office space*. New York: Facts on File, 1984.

WEBGRAFIA

BROEK, William v. d. *A Typology of needs for coworking spaces*. Deskmag. Out/2012. Disponível em: < <http://www.deskmag.com/en/a-typology-framework-of-needs-for-coworking-spaces-586> > Acesso em 25 de abril de 2016.

CARUSO, Adam; ST. JOHN ARCHITECTS.

Acesso em 26 de abril de 2016.

JOHN, Peter. *Origins of the Office*. CARUSO ST JOHN ARCHITECTS.

Disponível em: <<http://www.carusostjohn.com/>>

CASHMAN, Anna. **Community-sourced ethos: coworking in practice.** DESKMAG set/2009. Disponível em: < <http://www.deskmag.com/en/community-sourced-ethos-coworking-in-practice-557>> Acesso em: 25 de abril de 2016.

CASHMAN, Anna. **The nature and potencial of the collaborative economy.** DESKMAG jul/2012. Disponível em: < <http://www.deskmag.com/en/the-nature-and-potential-of-the-collaborative-economy>> Acesso em 10 de maio de 2016.

FOERTSCH, Carsten. **Advantages of coworking spaces over other offices.** DESKMAG out/2012. Disponível em: < <http://www.deskmag.com/en/advantages-of-coworking-spaces-over-traditional-and-home-offices-581>> Acesso em 12 de maio de 2016.

FOERTSCH, Carsten. **The coworker's profile.** DESKMAG jan/2011. Disponível em: < <http://www.deskmag.com/en/the-coworkers-global-coworking-survey-168>> Acesso em 25 de maio de 2016.

FOERTSCH, Carsten. **The members of coworking spaces.** DESKMAG fev/2012. Disponível em: < <http://www.deskmag.com/en/the-members-of-coworking-spaces-survey-203>> Acesso em 25 de maio de 2016.

ORLANDI, Diego. **Coworking in Brazil.** DESKMAG mai/2013. Disponível em: < <http://www.deskmag.com/en/coworking-spaces-in-brazil-sao-paulo-812>> Acesso em 30 de maio de 2016.